

A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2017, conta com 23 247 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958

Julho de 2022 - Nº 601

Diretores - Antonio Marcello da Silva (*1931-) - Pascoal Andreta (*1915 - + 1982) - Ugo Labegalini (*1931 - +2012) - Ivan Mariano Silva (*1935 - +2020) - Alessandra Mariano (1969 -)

CATALOGANDO PARA A HISTÓRIA, OS AUTORES DE MONTE SIÃO

L. A. GENGHINI

Provavelmente, o autor mais antigo de Monte Sião tenha sido o professor Giuseppe Penacchi que no início do Século XX escreveu uma apostila, com interesse pedagógico, narrando a história da cidade de Monte Sião, então pertencente à Comarca de Ouro Fino. Este opúsculo é citado na obra de Lourenço Guireli Júnior, será que alguém ainda o tem?

A referida monografia veio a se tornar a principal referência àqueles que pretendiam discurrir sobre as origens da cidade e de seu desenvolvimento até então, pois àquela

época a cidade havia recebido 456 famílias de imigrantes italianos e o progresso era visível, conforme documentou, tempos depois, o conterrâneo Lourenço Guireli Júnior, o Lola.

O tempo foi passando, e Monte Sião tornou-se um celeiro de escritores, cronistas e poetas respeitáveis, com diversas publicações, algumas delas produzidas com apoio da Fundação Cultural Pascoal Andreta, outras pelo esforço dos autores, sendo que grande parte delas se encontra exposta no Museu Histórico Geográfico de Monte Sião, porém a coletânea é aleatória e certamente não cobre todas

as obras editadas pelos filhos da cidade, não havendo, formalmente, uma catalogação que possa ser usada para documentar a nossa produção literária, acadêmica ou técnica.

No momento que escrevo me ocorrem autores como Lourenço Guireli Jr, José Claudio Faraco, Ivan Mariano, Ariovaldo Guireli, José Ayrton Labegalini, Márcio Labegalini, Alaércio Zamuner, Eraldo Monteiro, José Carlos Grossi, Ugo Labegalini, Pascoal Andreta, José Antonio Andreta, Augusto Gotardello e outros tantos.

Depois de uma conversa com José Ayrton, presidente da Fundação Pascoal Andreta

e com os professores Cláudio Faraco, Ariovaldo Guireli, Alaércio Zamuner e Alessandra Mariano, ocorreu de elaborarmos um projeto conjunto com a finalidade de catalogar todas as obras editadas por monte-sionenses a fim de construir uma lista da bibliografia com breves resenhas e, se possível, juntar pelo menos um exemplar de cada obra referida que será incorporada ao acervo do museu e ficará em exposição permanente.

Para dar partida e seguimento à execução do projeto, em primeiro lugar, pede-se que quem tenha escrito material literário, acadêmico ou técnico que nos informe, dis-

ponibilizando um meio para que possamos entrar em contato: Ariovaldo, Zê Ayrton, Cláudio, Genghini (wzapp 11 99902-8784) e quem mais se voluntariar para atender aqueles que tiverem matérias a contribuir.

Pretende-se catalogar livros, participações em livros com capítulos, relatórios de pesquisa, teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso, artigos publicados em revistas acadêmicas, inclusive eletrônicas, individualmente ou em parcerias e outros materiais de interesse.

Está lançada a pedra fundamental. Agora esperamos

e contamos com a adesão e a cooperação de todos no processo de pesquisa, recolhimento, catalogação e edição do material. No que me diz respeito, já comecei a juntar o que posso.

A metodologia usada seguirá as recomendações das normas da ABNT.

Contamos com todos para a execução desse projeto de interesse sócio cultural de nossa cidade, que contará especialmente com o apoio da Fundação Cultural Pascoal Andreta.

Até qualquer hora pessoal!

CRÔNICAS DA MINHA GENTE
HERANÇAS

IVAN

Meu avô – o pai do meu pai – se dizia um homem genuíno, autêntico, original e que enxergava além das pessoas comuns, “Porque sou incomum”, afirmava, espetando o próprio peito com o indicador. Eu acreditava nele, mesmo sabendo que era tudo mentira. Mas que era incomum, era. Por exemplo, no curral de sua chácara, onde abrigava duas vacas leiteiras, dependurou vistosa placa – Milkatório – explicando-me, a mão companheira no meu ombro, “A placa é mais importante que as vacas, o leite e o curral, pois demonstra originalidade e conhecimento de inglês; vacas, leite e curral todo mundo tem, e não é de hoje”.

O nonno abaulava o braço de todos os violões que comprou, para fazer a pestana com maior facilidade e perfeição. “É que, o indicador, reto sobre o braço plano, não tem como apertar todas as cordas devidamente, gerando som rouco, rastejante. Curvando-se o dedo sobre a face convexa, obtém-se som melodioso, limpo, redondo”. Para isso, ele passava horas lixando o braço do vilão, dando-lhe a curvatura desejada, até assemelhá-la à família dos violinos. Numa ocasião, enquanto consertava um furo no fundo de uma panela de alumínio, afirmou, com a maior naturalidade, que inventara a solda para aquele metal, até o momento inexistente, pois que as avarias recebiam arrebitos ou emendas precárias.

Como ninguém tivesse notícia anterior ao seu invento, todos acreditaram nele; menos eu, que o conhecia bem. Como também acreditavam quando ele, ao errar a bola no jogo de carambola, gritava “Que fina, que fina” e ganhava o ponto ao submeter adversário e assistência com sua eloquência convincente. De uma única planta de seu pomar o nonno colhia quatro tipos diferentes de frutas, depois do êxito dos enxertos realizados com estudo, minúcia e capricho extremo. Creio que foi o primeiro e o único na cidade a fazer curso para criar galinhas legorne, às quais dava apenas quinze grãos de milho diariamente, e ninguém soube o porquê: se medida econômica ou científica. Da raspa da madeira de um banco avariado ele produziu um segundo produto misturando ingredientes secretos, restaurando o móvel, deixando-o como novo “E mais resistente”, gabava-se. Com aplicação ferrenha, fez dentaduras de todas as cores, até chegar à aparência da gengiva sadia e, por isso, se dizia “Cirurgião-dentista; os demais, que considerava desafios, eram apenas dentistas ou doutores pito”, expressão usual para depreciar os colegas. Na epidemia de tifo, que dizimou grande parte da nossa população na década de 40, foi o único a visitar os doentes, impávido, desprezando possível contágio, levando-lhes alimentos, garantindo que os outros enfermos morreram de fome, pois não lhes davam de comer, para evitar a

disenteria, característica da enfermidade. Salvou muitas vidas.

Meu outro avô – pai da minha mãe – foi de uma honradez tão cruel que chegava a maltratar a ele próprio (fica esclarecido, então, que ele detestava meu avô paterno, aí de cima). Esse meu outro avô ficou viúvo muito cedo, e muito mais cedo ainda desentendeu-se com o sogro milionário, nunca mais falando com ele. Sua mulher, minha avó, morreu com 33 anos, deixando minha mãe, quando ela tinha 12, e mais quatro filhos mais novos, a caçula com apenas dois. Quando o sogro rico faleceu, meu nonno deveria receber valiosa herança da esposa morta. Negou-se a aceitá-la. Disse: “Não gostava do meu sogro e não posso receber suas terras. É traição a mim mesmo e à minha índole. Não posso aceitá-las; fariam-me mal”.

Nascido na Itália, jamais voltou a falar dela, dos irmãos e pais que lá deixou; nem da sua vila natal. Parece que pretendia aniquilar o passado sofrido, esquecendo-o ao não se referir a ele. Uma única vez que lhe prestei pequeno trabalho, mas que me fez feliz e orgulhoso, como nada cobrei, procurou por outro profissional da mesma categoria, fez um orçamento sobre igual serviço e veio pagarme.

Quando poderoso chefe político chamou todos seus inimigos à beira da cama da morte, certamente para despedida pacífica, meu avô foi o único a não comparecer. Ele nada explicou,

mas, quando perguntado pelos raros amigos, apenas balançou a cabeça, como que dizendo “minha presença não significa perdão nem concede passagem para o céu”. (Já foi dito em outra crônica)

Achei que iria herdar do meu primeiro avô a autenticidade, a arte, a prodigiosa originalidade – seu lado inventivo - e, do segundo, a honradez acerba, aguda. Nem um nem outro. De um, ganhei o anel de sua formatura; do outro, a vontade de me parecer com ele. Ainda guardo o anel e preservo a vontade. Tenho esperanças.

Crônicas da Minha Gente – seleção de crônicas de Ivan Mariano Silva, colaborador incansável deste jornal, um dos idealizadores e fundadores do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião e da FCPA, que nos deixou em Agosto/2020

Acesse nosso
jornal também
pela internet:

www.fundacaopascoalandreta.com.br

MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS - NO. 45



ISMAEL RIELI

Quanta saudade desse quarteto! Se o português Camilo Pessanha – aquele que queria sumir no chão, como faz um verme – tinha saudades do presente e também do futuro, por que não posso ter saudades de min, dos 15 aos 30 anos, quando morei em São Paulo?

Terminando o ginásio – colegial não tinha aqui – fui morar em São Paulo na Rua Santo Antônio, 573, Bexiga na pensão da Dona Aurea junto com meu irmão Zezé, funcionário do Banco do Brasil, e meu primo Shirley, ascensorista do Banco Federal de Crédito. Corria o ano da graça de nosso senhor Jesus Cristo de 1959 e eu tinha 15 anos. Matriculei-me no curso clássico do Mackenzie e lá mesmo me formei em letras neolatinas. Estudava de tarde e, de noite, trabalhava no Banco Credreal da Praça da República. A partir do 3º ano da faculdade comecei a lecionar português, no Imirim e na Vila Medeiros, Zona Norte. Morávamos então na Rua Dona Veridiana, 207, atrás da Igreja Santa Cecília num quarto insalubre, sem janela. Meu irmão casou e Shirley, com a doença do Tio Zé do Albino, voltou pra Monte Sião e as vagas deles foram preenchidas por 2 jovens montessionenses, Álvaro Pennacchi e Josmar Beltrami. Foram anos de convívio harmonioso, Álvaro não parou muito. Voltou logo para sua Monte Sião. Falaram

mais forte a saudade da filha do português, o futebol – não era alto, mas um excelente craque e também a nostalgia da terra. Ele nasceu pra viver em Monte Sião. Não tinha nada a ver com São Paulo. Sem aviso prévio; muito antes do combinado ele nos deixou.

Já o pespontador do Vicente Benatti foi pra fazer carreira (e fez!) foi pra ficar e ficou. Um pouco por culpa minha. Afinal foi numa festa junina na minha escola, no Imirim, que ele conheceu e se encantou por Glória, minha aluna da segunda série do ginásial. Fui padrinho de casamento. Um pouco antes da pandemia participei do almoço de bodas de ouro do feliz casal, pais de 2 filhos e de uma filha.

O ajudante de alfaiate ingressou como contínuo no Banco Moreira Sales. Foi subindo, degrau por degrau: chefe de seção, chefe de expediente, subgerente, gerente, inspetor regional, supervisor e diretor do Unibanco-Itaú. Aposentou-se no mais alto cargo da carreira.

Anda meio adoentado.

Na vaga de Álvaro veio Ilson Mariano e, agora com a situação um pouco melhor, conseguimos alugar um apartamento na Maria Antônia, bem em frente ao Mackenzie, ao lado da antiga USP. Com 2 beliches, veio morar conosco o Guizo de Serra Negra.

Trabalhei muito. Dava o teto do número de aulas permitido: 44 por semana.

O salário de professor nunca foi lá essas coisas, mas dava pra viver bem. Dava pra frequentar cinemas, que eram muitos e bons no centro velho de São Paulo. Dava pra ir ao teatro, a maioria deles no Bexiga e, às vezes – nem sempre a gente podia dar-se ao luxo – comer no Gato que Ri, no Largo do Arouche; no Moraes, na São João, saborear o até hoje famoso filé de 4 dedos de altura, com agrião; o baby bifê do Rubayat da Vieira de Carvalho, um rodízio de comida árabe no Almanara da Gabus Mendes, atrás do Cine Coral, uma pizza lá no alto da Freguesia do Ó, ao lado da igreja; de madrugada uma sopa de cebola no Ceasa, e, bem mais barato, com frequência, na Salada Paulista, ao lado do Cine Ipiranga, quase meia noite, voltando da escola, de pé, não havia mesas nem cadeiras, no enorme balcão retangular, sempre movimentado, comer a famosa salada de batatas com duas salsichas e um delicioso croquete; arroz de fomo no Paissandu também era um prato barato que a gente comia sempre.

As churrascarias com rodízio ainda não haviam explodido. As vezes frequentava uma na Rio Branco, pertinho do Paissandu.

Imperavam, na época, as galeterias, restaurantes especializados em franguinhos – galetos – assados. Não eram tão caros e cabiam no nossos bolsos de bancários e professores.

Quando saía o pagamento, nós, professores, depois das aulas que terminavam às 11h, íamos ao Zilertal ou ao Garitão, famosas casas de músicas, danças e chope, até alta madrugada.

No réveillon, descíamos até a São João para ver os corredores passarem.

Aos domingos – depois que comecei a namorar uma moça bonita de olhos verdes nas Thermas, vinha pra cá todo fim de semana – assistia à missa na Igreja da Consolação ao som de um órgão mavioso. Às vezes ia até o Largo São Bento ouvir os Cantos Gregorianos.

Lecionava português e um pouco de Francês, que ainda constava no currículo ginasial no Augusto Meireles, no Imirim, no Miguel Vieira, 1º e 2º extensões do Miguel na Vila Medeiros, no Maria Montessori na Vila Munhoz e no Alfredo Puca na Vila Nivi, onde ingressei como efetivo e, por dois anos, por ser o único efetivo da casa, fui diretor daquela escola que funcionava em dois períodos: vespertino e noturno. De manhã até as 14h, no mesmo prédio, com outra direção, funcionava o grupo Alfredo Inácio Trindade. Por um ano lecionei Francês no Orozimbo Maia, uma escola particular na Vila Prudente. Dia desses passei por lá. Ela não existe mais.

Com 30 anos casei-me, vendi minha quitinete na Teodoro Baima, a 50m do Teatro Arena, torrei os 22 contos na viagem de núpcias na Europa e removi-me pro Pedro de Toledo, em Lindóia, de gratas recordações. E depois, com a remoção da titular, transferi-me pro Tozzi, nas Termas, onde encerrei minha carreira no magistério. Até hoje, recebo cumprimentos de barbados e de simpáticas matronas: oi professor. Isso é muito bom. O magistério é uma profissão nobre. Viva os PROFESSORES.

E o quarto personagem da foto, quem é? É meu grande amigo, o maior de quantos tive, o colega e companheiro, o ex seminarista baiano de Paripiranga, o professor Aristeu dos Santos Oliveira.

O curso de letras neolatinas sempre foi pouco processado. No Mackenzie éramos apenasmente 8. Dois homens, Aristeu e eu, e 6 mulheres: Sandra, Cleusa, Kazuko, Sarita, Gerson e Maria José.

Sarita, da família do tabelião Cirilo, apenas formada, faleceu, e minha grande amiga Sandra, por um casamento errado, meteu uma bala na cabeça.

Com as demais perdi o contato. Por onde andarão? Eu morava bem em frente ao Mackenzie, na Maria Antônia. Bastava atravessar a rua pra entrar no majestoso Mackenzie.

Então resolvi fazer direito. Entrei na São Francisco, mas por dar muitas aulas, não consegui acompanhar o curso. Hoje me arrependo de não ter aproveitado o glorioso ambiente acadêmico das Arcadas. Agora Inês é morta. Não adianta chorar o leite derramado.

Aristeu morava lá longe, na vila Medeiros, Zona Norte, pra cima da Vila Maria. E foi lá, no Miguel Vieira, que ambos iniciamos nossas carreiras. Aristeu por ter sido seminarista em Lagarto, SE – quase padre – tinha boa cultura latina e grande tino para negócios.

No Miguel lecionava português; eu, francês. Muito bem entrosado no bairro foi diretor do Miguel e do Maria Montessori.

Com poucas máquinas usadas, abrii uma escolinha de datilografia e depois o curso de admissão e a escola Domingos Sávio ia de vento em popa. Comprou a casa ao lado, onde montou uma encadernadora. Naquela época a Abril inundava as bancas com fascículos: biblia, conhecer, medicina e saúde, os bichos...

Agora com mais de 20 máquinas, com a supervisão de Alfeu e Orlando a escola funcionava de manhã, à tarde e à noite.

As aulas de admissão ficavam por conta das sobrinhas Josefa e Rivanda. Eu lecionava português. No fundo da escola havia um quartinho – a casa do Aristeu – onde instalei uma beliche e lá pernoitava. Tinha duas moradas. Dormia na Vila Medeiros, pois era lá que lecionava, logo de manhã. Aristeu chegava por volta de meia noite da Vila Prudente, onde lecionava no Orozimbo Maia.

Sentado na cama, abria uma mala bojuda e passava a contar as cédulas que Josefa, a tesoureira encarregada de receber as mensalidades, ali depositava todas as noites um belo pacote.

A escola era bem localizada, bem no coração do bairro, ao lado do banco Itaú da N.S do Loreto. Tudo corria bem, dinheiro entrava, em

boa quantidade, todos os dias. Espírito aventureiro e empreendedor, Aristeu resolveu virar construtor. Edificou e vendeu umas 10 casas na Vila Medeiros, na Vila Gustavo, no Parque Novo Mundo. Amealhou dinheiro suficiente para erguer um belo prédio de 3 andares com várias salas de aula do Ginásio Domingos Savio, reconhecido pela secretaria da educação. Admissão já não havia mais, mas ele tinha datilografia, ginásio e madureza. Tinha bastante alunos. Ganhava bem e comprou um sítio em São Luiz do Paraitinga e uma casa em Caragatatuba, pra onde descia na sua caminhonete Chevrolet.

Numa dessas descidas, sempre sozinho, deu carona pra um rapaz, um tal de Samir.

Encantou-se pelo garoto que deve ter despertado nele um recôndito instinto homossexual.

Samir dominou-o completa e totalmente, transformando-o em seu súdito, chegando ao ponto de convencê-lo a adotá-lo como filho de papel passado.

Aristeu continuava morando no fundo da escola. Foi lá que, dois meses depois da adoção consumada, na véspera de um natal, que Samir o executou com vários tiros. Esse desinfeliz, único herdeiro, malbaratou quase tudo que Aristeu tinha: o sítio, a casa na praia. Bandido da pesada esse moleque teve vida breve. Foi morto por um comparsa. Mas porém deixou um bebezinho com uma desqualificada.

Como é injusta a justiça nesse país! Esse bebê tornou-se o dono da escola Domingos Sávio.

Rivanda, sobrinha do Aristeu, casou com meu irmão caçula, que também morou e lecionou na escolinha do meu grande amigo, com quem sonho amiúde.

Ele, que vinha sempre pra Águas de Lindóia, veio, pra ser meu padrinho de casamento, já lá se vão quase 50 anos.

Muita saudade do Álvaro e do Aristeu. Coragem, Josmar!

JOSÉ ALAERCIO ZAMUNER

O senhor Daniel (família Rossini), ou seu Danhé, ou Danhezinho era um homem bom, de pouco falar e muito respeitado. Pequeno, pai de uma linhagem honrada de filhos. Tomava conta da chácara de um famoso advogado de São Paulo, o Doutor Gonzalez. Tudo ficava muito por ali mesmo, no caminho pros Porfírios, indo pelos Carintas. A chácara pegava da beira da estrada de terra, que descia até o rio, depois subia para uma mata bem fachada e fria. Tudo muito calmo, quieto. Como de costume, Danhé carrega uma cartucheira 12 de dois canos que vinha meio quase que arrastando a ponta do cano no chão, de tão grande que era a arma. Tudo

certo, precisava da arma para espantar os bichos do mato, mas só dava tiro pro ar. Pro povo de gente e de bichos ficarem sabendo que a chácara do Gonzalez tinha um guardador, o guardador Danhezinho, mas vez ou outra, abria o portão para os moleques se deliciarem com as frutas de caqui, castanha portuguesa, carambola, jabuticaba, abacate...

Ah, ia me esquecendo. Nessa chácara tinha também dois cães enormes, da raça pastor alemão, capa preta, muito obedientes, servis, mas muito bravos e valentes. Uma palavra do zelador Danhezinho, e pronto: rosnavam, avançavam ou se aquietavam. A nós, moleques, nada faziam. Um dia, porém, logo pela manhã escutamos que o Danhezinho ia matar os cães, aliás, o bairro todo ficou sabendo. Daí fomos todos até a chá-

cara do Gonzalez saber direito o enredo dessa história.

Chegando lá, o guardador da chácara foi falando que um bicho do mato, muito feroz, talvez até de outro mundo, tinha atacado seus cães de guarda, estavam os dois rosnando e babando fora do propósito, e davam a impressão de que seus dentes estavam maiores, pernas e patas com garras também, e não andavam, e mais, a cada hora, parece que cresciam mais da conta, o que restou unicamente matar os animais, e mais outra, não reconheciam mais o Danhezinho, nem o patrão de São Paulo que, por causa disso, fora se hospedar no hotel Cacique. Daí, daí...

O povo pega a pedir para não matar os animais; mas uns outros pelo meio pediram pra abrir fogo nos dois bichos, e logo. Daí, o Tião Cuzaruim, que

era vizinho da chácara, disse que sabia o que fazer. E falou verbos com fala bem arrastada: “Óói, baam premeero trazêê o benzedôô Bastião Aarve, diis-poi arremata o caso com benzeduura, que acho que é biicho da noite meemo, e d’otro mundo; que fez isso. Óói, inté digo, por ceeerto, que é biicho lobisooomi, geente!”

Chegou o rezador, rezou, sentiu o cheiro dos animais e concluiu: “Foram arranhados por um ser. Pode ser um lobisomem mesmo, nesse caso, pra garantir, vou passar uma reza forte, todos têm de rezar também. Espera uma noite, se não adiantar; e piorar, só na bala de prata, essa cartucheira sua não adianta, seu Danhezinho. Tem que ser com revolver ou garrucha.” Daí, entra o Cido Zamboim na estória; e com uma

garrucha com bala de prata. E disse: “Riingoo! Tá’qui a tar!”

Bom, rezaram que rezaram muito, daí então, colocaram réstias de alho em volta do rancho dos cachorros, mais algumas cruzeiras, terço dependurado, potes de água benta, essas coisas. Veio um padre de Monte Sião para rezar tudo com muita força. De novo o Cido Zamboim falou certo: “Oh povo, essa simpatia é pra lobisomem ou pra vampiro? Alho e cruz só espantam vampiro, hein?”

Bom, ninguém sabia direito. No outro dia, povo indo à chácara, Danhezinho na frente, chapelão preto de feltro na cabeça, mais sua cartucheira 12 de dois canos arrastando a ponta no chão. Chegando lá, tudo calmo, tudo normal, com os cachorros fazendo um huummm, huummm, huummm de gemidinho, mansi-

nhos de gatinho... Estavam os dois muito mansos, sem nada de latir, deitados com o focinho entre as patas dianteiras, sem sinal de qualquer reação, de aspecto físico de um bom cachorrinho mansinho: huummm, huummm, huummm...

– É seu Danhezinho, o que será que aconteceu com meus bravos pastores, hein? Foi um lobisomem ou uma sussuarana que estragou os dois? Que que o povo está dizendo?

– Hããã! Que diferença faiz, seu Gozaleiz? Na roça tem de tudo e sempre escondido no escuro, sendo nunca de um modo só, e esses seus cães, pra guarda não prestam mais.

E digo mias: era uma vez os bravos cães de guarda da chácara do Doutor Gonzalez, de São Paulo.

EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 -)

Conselho Administrativo – Bernardo de Oliveira Bernardi, José Cláudio Faraco e Alessandra Mariano Silva Martins.

Diagramação – Luis Tucci - MTb 18938/MG
Fotografia – José Cláudio Faraco
Direção financeira – Charles Cétolo
Secretário de Redação – Carlos Alberto Martins
Jornalista responsável – Simone Travaglin Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Alessandra Mariano, Arlindo Bellini, Aroldo Comune, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Eraldo Monteiro, Ismael Rieli, Ivan Mariano Silva, Jaime Gotardelo, José Alaércio Zamuner, José Antonio Andreta, José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Luis Augusto Tucci, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Rodrigo Zucato, Tais Godoi Faraco, Zeza Amaral.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgar a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 20 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br

105

AUTO PEÇAS

vivo

9 9852 5105

3465 3105 - 3465 5105

MAZA

PNEUS

ALINHAMENTO E BALANCEAMENTO DE RODAS, ESCAPAMENTOS, AMORTECEDORES, BATERIAS

RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38 (ANTIGO MATADOURO)

3465-5463

MECÂNICA NETOS

nacionais e importados nacionais e importados

Ernesto A. G. Bacellar
Engº Mecânico Automobilístico

Fone:
(35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136 - Centro (Prainha)

Monte Sião - MG
CEP 37580-000

DELTA FOTO

PAPELARIA

Mania de vender mais barato!!!

Material Escolar e para Escritório
Suplementos para Informática
Cartuchos compatíveis e remanufaturados
Fotos 3 X 4 na hora
A MELHOR E MAIS BARATA
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS

35 3465-3124

Av. das Fontes, 136-C-Monte Sião

AGULHAS E ACESSÓRIOS PARA RETILÍNEAS

Representante Autorizada da marca KERN-LIEBERS

DERBY

Av. Monte Sião, 925
Bela Vista
Águas de Lindoia/SP

Trabalhamos com remalhadeiras “Completo” novas e usadas

- Agulhas e platinas para retilíneas
- Agulhas e ponteiras para remalhadeiras
- Bobinas e seletrores
- Óleo lubrificante
- Klimp para limpeza interna

DROGARIAS ULTRA POPULAR

Rua Presidente Tancredo Neves, 373 - Centro
(35) 3465-1120 / 3465-5633
Monte Sião/MG

Rua Argentina, 19 - Centro (no Baixo)
(19) 3924-1196
Águas de Lindoia/SP

dynamise

Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais

(35) 3465 2060 (35) 98815 2060

Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG

dynamisemanipulacao dynamise Farmácia de Manipulação dynamisemanipulacao.com.br

Programe sua festa - nós temos o local!

RESTAURANTE DA LICINHA

Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.SiãO - O.Fino -(35)3465 1355 – 9 9114 9447

ACONTECEU NA FAMÍLIA LABEGALINI

JOSÉ AYRTON LABEGALINI

O Lazineho Labegalini* teve um açougue por muitos anos, entre as décadas de 1960 e 1970, situado no lado direito da subida do morro da Dona Ina (Rua José Carlos Francisco), já quase chegando no Jardim Municipal (Praça Pref. Mário Zucato), mais ou menos onde hoje mora o Neuzinho (Irineu Bernardi Filho). Era um espaço pequeno, uma única sala com um reservado nos fundos, uma única porta de acesso à rua – porta em grade metálica larga e de enrolar – piso em ladrilho hidráulico, es-

paço interno separado em dois por um balcão frigorífico transversal que isolava a área de trabalho daquela dos clientes. Nas paredes laterais, estruturas metálicas com ganchos de açougue para pendurar os meio capados e/ou bandas de reses abatidas. Ao fundo uma bancada com pia e uma mesa para destrinchar, separar e cortar peças de bovinos e suínos.

Abatia-se por semana um boi ou vaca e um ou dois porcos cevados, mas em dias alternados, de tal forma que a clientela mais exigente tinha o melhor dia para comprar carne de vaca ou de porco com pos-

sibilidade de se escolher as peças, como por exemplo, o filé mignon (do boi) ou o lombo (do porco). Como diz o ditado popular “quem chega primeiro bebe a água mais limpa”.

Como era e ainda é comum nas casas comerciais a existência de clientes cativos, e portanto preferenciais, o Lazineho também tinha dois clientes cativos que tinham preferência nos dois filés mignon da rês abatida na semana. Se na semana fosse abatida mais de uma rês, então “sobravam” filés mignon para outros clientes, mas se fosse abatido uma única, a dupla de filés já tinha donos cer-

tos: o Choque (Segundo Marcelino Gotardelo) e o Tonico Padeiro (Antonio Gotardelo Sobrinho). Nenhum dos dois precisava fazer reserva ou encomendar o seu filé, bastava ir buscar no dia do abate, que a peça de cada um estava reservada e guardada.

Em uma certa semana, não se sabe se por falta de demanda ou matéria prima (rês), provavelmente pela segunda alternativa, o Lazineho compartilhou com o dono de outro açougue (Atilio Corsi) o abate de uma rês em sociedade. Cada um deles ficou com uma metade e, portanto, com um único filé mignon.

Aconteceu que nessa semana, no dia já acostumado de ir ao açougue, lá foi o Tonico Padeiro buscar o seu filé mignon da semana e, horas depois, chega o Choque para pegar o seu. Qual foi a explicação do Lazineho para justificar ao cliente cativo que o “seu filé da semana” não estava disponível?

O Lazineho tinha momentos de gagueira, que sempre aumentava com a sua dose de nervosismo. Ante a impossibilidade de atender ao pedido do Choque, o Lazineho prontamente deu a seguinte explicação: “nnnesta semana, eeeu matei sososó mmmeio boi”. Ao que o Choque, enfurecido, retru-

cou: “e o outro meio boi ficou no pasto?”

Depois de convenientemente explicado e entendido os acontecimentos, lógico que o Choque entendeu a situação, continuou como cliente cativo e preferencial do açougue, mas o Lazineho ganhou o apelido de “meio boi”.

Obs.: Este “causo” foi relatado pelo Romeu Labegalini, irmão do Lazineho.

**Lázaro Labegalini, filho de Primo Labigalini, neto de Luigi Felice Labigalini e bisneto de Luigi Labigalini, quarta geração da família.*

MATHEUS ZUCATO

Contou vó Lina que lá longe, interior do desconhecido, certo dia houve, nos tempos de mãe da mãe, um caso. Terra boa, o povo dali, de fê romântica, ajudava a si mesmo nos outros. Era coisa séria o levar da cidade, dever de fundamento das famílias muitas. O caso sério passou aí, redores da central praça. Cidade-vila, clima distinto, tinha as estruturas de estações assim: vinha verão e o chão derretia areia seca nas ruas, ao pé que nas casas a água fluía vapor encano; vinha primavera e os frutos das flores derrubavam árvore, conjunto o peso; o inverno não existia além de dez minutos de terror, um mistério madrugoso: dormia-se num suadouro de cobertores-roupas, acordava-se de dente batido, a cidade a chocalhar o inferno branco de neve nos dez minutos de reino gelo. Depois, derretia no voltar o comum, e tudo se enchia lamacento. Cidade única que fazia enchente pro rio. As vilas rio abaixo foram até à juiz superior com pedido de extermínio da causa. Ou ao menos benzessem bem-benzido. Foram as benzavós, vindas urbanas, fizeram círculo nos redores, terçaram de fora-a-dentro, até o encontro no centro da praça, trocaram olhares de pavor e bateram as botas no degrau do ônibus: “daqui nem poeira não levo”, explicou uma no apressar do motorista. Vou chegar no caso contado, outono, estação que ensinava gente a dormir: época que a ter-

ra murmurava um chororó resmungado de baleia. Era o nome, daí. Balena. Depois, cruzaram o nome, em tempo, na espera do acalmar-terra. Balena da Cruz. Piorou. Veio o inverno, que até então não vinha. Sugeriram tirar o Cruz, e o padre precaviu o pecado, que fosse o mundo findar ali, num buraco de luz e ferro. Ficou Balena da Cruz, qual praça teve então seguinte passagem estranha, vez que tudo até então fosse normal.

O caso foi o seguinte: existia na cidade uma comum família de pais-dois-filhos. Os filhos crescidos meninos, na conta de dez e doze anos, de energia comum, corpo comum, cabelo preto e pele terrosa. Agarravam no remanso a existência; compunham povo; deixavam-se ser meninos vilajantes: conheciam cada rastro da mão da terra que agarrava a cidadina. Foram até onde já se tinha ido, e além, no desalumiado canto do não-ir. O mais velho: enérgico, forte e corajoso; o mais novo guardava, na inocência, uma bela voz de coral. Miúdos de pouca nota, portanto, até a brecha dum dia que veio e trouxe o mais moço com reclamo de dor nas vistas. Amuado, disse que bem enxergava, mas que a dor doía doída... E não carecia ir em doutor, longe na cidade de asfalto, bastava o chá de mil-folhas, e bastou, no dia.

Num andar dos dias, e conforme a insistência, o bastar fraquejou: o chá se tornou água e a água ineficava. Das práticas do dia não podia pôr protesto, mas o dolorido cobrava a rece-

bida luz quando a noite vinha escurecer tudo. Num cegar, involuiu-se. O irmão mais novo tomava-lhe as dores e contava histórias de castelo até o duplo dormir. Acordava o mais velho de vista vendo e punha os pés no solo, o dia fora já trazia a clareza nos olhos que resmungavam chateio instantâneo. Doloriam-se-lhe amoladas facas. Foi quando passou a desgostar de ver, e recolheu corpo e olhos no negro quarto, sem ressalvas. Não via mais. Era tempo de a mãe agir de instinto, e veio o doutor de causas urbanas, até.

Uivos rugidos rosnaram num alarmar a vizinhança, o doutor precisava lanternar fundo os olhos do moçoilo. Não foi pouca a gente que se benzeu e inquiriu o pai se, por acaso, sem desfeita, mas por curiosidade mesmo, não havia de ser obra do anticristo, de Berremote, pois que estranhavam os câes todos dali quererem distância. Danosa insígnia. O pai pareceu crescer uma fúria, mas entendeu que, fosse com outro, a mulher e ele também haveriam de recear o Belzebo. O menino menor guardou palavra até que o doutor se levantasse e desse por vencido — ele ou o caso. A consulta pronta, o médico maunoticiou de que era caso de enganar dor até o corpo terminar a ocupação do inchar-se. E que, em último caso, faria o ceífo. A mãe em escarcéu solucento o botou fora. O pai arrumava o quarto para iniciar reza. O pequeno levantou e foi ter com o doutor; disse que entendia, em sua meninice, não ter culpa o que

carrega a mensagem. Passou-se a noite no apelo do pai em oração, da mãe que preparou e deu de tomar ao murmurento enfermo casca de salgueiro concentrado, e do pequenino que olhava o calendário e fazia contas nos dedos secos. Até que o resmungo parou e dormiu. Dormiram todos, sequentes. Naquela noite, o tempo mudou. O vento que soprava leste, em solo soprou direção. Remexiam-se os galhos das árvores, que cresciam depois das quedas de braço com os enormes frutos de meses antes. A madrugada espirrou um vento gelado. Vovó contou que a mãe de sua mãe ensinou ser indicação do lenço retirar do inverno, que na vez viera brando. Pela primeira vez naquele ano, ouviam a rezinga chorosa da terra. Germinava algum segredo fecundo.

No dia seguinte, novo alarido: o coro de três gritava, “milagre! Obrigado bom Senhor! Milagre da cruz!”, um por cima do outro. O menino enxergava o mundo sem dor. O alvoroço, num entanto, retorceu-se no vislumbrar do outro filho, o saudável, o menor, que sorria sem-olhos a felicidade do irmão. A mãe soltou um grito desmaiado. O pai acudiu a mãe e ao filho curado requisitou o acudir. O filhote, feliz, porém, brincava que agora era o irmão quem lia as histórias de castelo, pois de seus olhos sumidos restavam-lhe somente os orifícios. Que é que tinha lá dentro das pálpebras? Espaço vazio até o fundo negro. Foi tirar a prova, o mais velho,

e na comprovança chorou defronte o espelho: olhava-se com os olhos do irmão! Que acontecia naquele solo de tão implacável comodidade histórica?

O doutor voltou, relutante. Comprovou a ausência óbvia das esferas do mais jovem, e comprovou a impossível vista íntegra do outro. Sem acompanhar dores, nada tinha de errado o pequeno, a não ser a vista sumida. Perguntou do par de olhos de antes, do irmão maior, e ninguém de nada sabia. Disse nada poder realizar, e foi enxotado novamente, a mãe com vara de marmelo a vergar camisa no douto. O letrado fitou a vila, e novamente os habitantes indagavam — desta vez, ao médico — que é que se podia esperar daquela casa: milagre ou coisa ruim? “Têm essa família alma degenerada ou é lance de má-sorte?”, foi o que perguntou o marido da mãe da mãe de vó Lina, segundo esta contou-me sobre o episódio. O duas-vezes enxotado médico, exaurido, agudo verbou, “De que vale aquilo de que tratam vocês? A única questão é que nem sabemos do que um corpo é capaz. Tagarelamos sobre a alma e a mente, e ainda não sabemos o que um corpo pode fazer.”, e foi embora.

No último dia do outono, o minutinho foi dado como perdido. As más línguas disseram terem visto, numa madrugada ululante, o contagioso má-sorte, o ceguinho, se desaventurar na mata: “feitiçaria, que mais?”, “recarrego de má sina, fruto da moléstia da

família”, fugazmente acusaram. A família, em derames; o bom filho dado como milagroso em casa era criminado bruxulento nas ruas. Que dor mais havia de alcançar uma família? E a que causa?

Não se sabe, não souberam. A família deixou o solo em pouco tempo após o resignar-se; foram fazer vida na cidade onde o chão não gemia, de boca asfaltada. Foram fazer vida onde o ciclo girava ordeiro, de inconfusas estações, onde a fê marchava herética. Foram viver felizes na desalembração vida de cidadãos. Mas, em um ano — contou a mãe da mãe de vó Lina — o outono revelou um solo que desaprendeu seu murmuro, interrompeu o resmungo e substituiu sua queixa balear por um maravilhoso cântico harmônico. As famílias, apesar do reconhecido bom tom, num não tardar temeroso, breves foram embora para a cidade, em pavor, a viver o cômodo conhecido. E a cidade esqueceu-se.

Compreensão, comunicação e poesia

JAIME GOTTARDELLO

Muito se tem debatido se escrever, falar e compreender podem ser muito influenciados e impulsionados através da poesia. Aprender as regras de escrever e modificá-las em poesia podem dar à escrita uma beleza alternativa. Ler poesia em voz alta, com ritmo e rima, pode desinibir e criar uma base sólida para a comunicação verbal. Aprender a entender a poe-

sia também dá força mental e impulso para compreender a comunicação escrita.

Ler e escrever poesia nos faz pensar em novas ideias e também mudar a maneira como percebemos ideias antigas, seja no âmbito cultural, social ou político.

Uma das dificuldades da nossa realidade atual é a capacidade ou a disposição de entender um ao outro. A falta de comunicação e os mal-entendidos levam a

uma grande quantidade de frustração. Ler e escrever poesia realmente dá às pessoas a capacidade aprimorada de entender os outros.

Um poeta deveria ser capaz de transmitir a verdadeira natureza de sua escrita para um leitor des-

conhecido. E dessa forma, permitir que o leitor leve para casa o significado do poema que irá ressoar por muito tempo após a leitura. Para um leitor de poesia, o contato com um poema irá lhe dar paciência para compreender o outro e cultivar

Supermercado e Casa de Carnes



A melhor carne da região!

Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000

(35) 3465 1817 / 3465 2109

SUPERMERCADO SHIMODA

Onde seu dinheiro compra mais

Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte Sião - Minas Gerais

GRÜSS GOTT AUS FRIEDENSSTADT AUGSBURG!
O QUE NOS UNE – FESTIVAL DA PAZ DA CIDADE DE AUGSBURG 2022

Stadt Augsburg

8. August · Montag · 11:30 bis 14 Uhr
Innenhof der Stadtteilbücherei
Göggingen

Kleine Friedenstafel in Göggingen

Zum ersten Mal gibt es eine Kleine Friedenstafel in Göggingen – organisiert von Mulheres pela Paz – Frauen für Frieden e.V. Alle Religionsgemeinschaften und Menschen aller Himmelsrichtungen sind herzlich eingeladen!

Bitte bringt Eure selbst gemachten Speisen mit, um diese miteinander zu teilen.

Wir feiern mit Ausstellung, Lyrik, Musik, einer Tombola und dem Friedenskaffee-Fahrrad, ein integratives und interkulturellen Projekt von vielen Augsburger Initiativen.

Small Peace Banquet in Göggingen

For the first time there will be a small peace table in Göggingen – organised by Mulheres pela Paz – Frauen für Frieden e.V. All religious communities and people from all over the world are invited!

Öffentlicher Raum Begegnung Musik

Teilnahme kostenlos

Spenden für Projekte des Vereins in Brasilien sind willkommen

Veranstalter*in

Mulheres pela Paz – Frauen für Frieden e.V. unterstützt durch das MGT Göggingen und die Vollwert-Bäckerei Schneider

Info und Kontakt

Frauen für Frieden Augsburg e.V.
frauen-für-frieden-augsburg.de

Mitwirkende

Atelier Loracher; Vollwert-Bäckerei Schneider und MGT Göggingen; Sabrina Böni Keller, Berufsweltmeisterin Restaurant-Service WorldSkills London 2011

Sprache

Englisch, Französisch, Deutsch, Spanisch, Portugiesisch

Маленький святочный стіл в Гьоггінгені (Göggingen)

Вперше в Гьоггінгені є «Святочный стіл миру», організований «Mulheres pela Paz – жінки за мир». Ласкаво запрошуємо всі релігійні громади та людей з усіх куточків світу!

Friedens
Fest*22
#Zusammenhalt

Kulturprogramm zum
Augsburger Hohen Friedensfest

18.7.–8.8.

quase 50 por cento dos moradores têm um histórico de migração. Por esta razão, o Festival da Paz tem sido celebrado inter-religiosamente e interculturalmente com um programa de várias semanas.

Abaixo segue o link para que todos interessados possam fazer o download gratuito da publicação completa sobre o festival da paz de Augsburg.

Nossa contribuição foi registrada na página 128.

https://www.friedensstadt-augsburg.de/sites/default/files/downloads/AHF22_Programmheft_1.pdf

Depois de dois anos de pandemia, juntamente com a Casa de Todas as Gerações, realizaremos o primeiro banquete da paz em Göggingen. Todas as comunidades desse belo distrito da cidade de Augsburg são cordialmente convidadas para compartilhar seus pratos prediletos com todos. Celebraremos com uma exposição, poesia, música, sorteios e com a Bicicleta do Café da Paz, um projeto intercultural de integração da associação Mulheres pela Paz.

Acredito que as experiências diárias com trabalhos pacifistas nos unem e impulsionam, sendo esta uma forma de nos mantermos unidos, acreditando que a paz nos guia para alinhamento de corpo e alma, mesmo durante todas as adversidades atuais.

Desejo que, hoje e sempre,
a PAZ prevaleça em todos co-
rações!

**ALEXANDRA
MAGALHÃES
ZEINER**

Nessa coluna relatarei minha contribuição como curadora, escritora brasileira e Embaixadora da Paz durante o Festival da Paz de Augsburg em 2022. Este é o oitavo ano consecutivo de participação

das Mulheres pela Paz durante o mais importante festival da paz na Alemanha.

Desde 1950, 8 de agosto é considerado um feriado oficial em Augsburg. Em 2022, “o que nos une” foi escolhido como tema do festival, uma forma de reconhecimento dos tempos atuais difíceis, vividos pela população da cidade, a

qual inclui cidadãos alemães, uma comunidade internacional ativa, assim como convidados de todo o mundo. Durante o Festival da Paz de Augsburg, pessoas de todas as crenças religiosas comemoram o verdadeiro significado de um encontro intercultural único, realizado durante o verão, em diferentes pontos his-

tóricos na cidade.

Para compreendermos o valor do trabalho dos artistas participantes nesse festival, é necessário também notarmos sua coragem, bem como o elevado nível de compromisso pessoal dedicado a cada trabalho apresentado. Para mim, este é o verdadeiro sentido da palavra União, um ato

solidário, que o mundo atual precisa. Trata-se de uma forma clara de inspiração que nos transporta além das fronteiras físicas, uma busca do significado da paz na vida diária.

Ninguém jamais deve ser excluído por causa de religião ou de sua origem! Hoje pessoas de diferentes religiões vivem unidas em Augsburg.

XX Concurso “Fritz Teixeira de Salles” de Poesia

Poesias e Poetas Classificados

Anteriormente divulgada na página da Fundação Pascoal Andreta na internet – www.fundacaopascoalandreta.com.br – publicamos hoje no JMS a classificação do XX Concurso “Fritz Teixeira de Salles” de Poesia. Convidamos a todos a prestigiarem, no dia 13 de agosto de 2022, ao evento de entrega dos prêmios, à partir das 19h no auditório do Colégio Monte-Sionense.

Categoria: Infantil

1º lugar
Poesia: Sete folhas de hortelã
Poeta: Luiza Caroline Immig Gabe Sulzbach Noronha
Cidade: Santa Cruz do Sul – RS
2º lugar
Poesia: Azul
Poeta: Rafaella Aparecida Herculano da Silva
Cidade: Recife – PE
3º lugar
Poesia: A Casa Amarela
Poeta: Joana Fontes Hora
Cidade: Monte Sião – MG
4º lugar
Poesia: O cachorro xadrez
Poeta: Sofia Silva Dias
Cidade: Monte Sião – MG
5º lugar
Poesia: Infância
Poeta: Otávio Monteiro Odinson
Cidade: Monte Sião – MG
6º lugar
Poesia: Chuva
Poeta: Maria Gabriela de Paula Souza
Cidade: Águas de Lindóia – SP
7º lugar
Poesia: Futebol
Poeta: Caique Aparecido de Almeida Santos
Cidade: Monte Sião – MG
8º lugar
Poesia: A Lua
Poeta: Sabrina Rodrigues Afonso
Cidade: Águas de Lindóia – SP
9º lugar
Poesia: Pitada de Poesia
Poeta: Michelle Esmeralda Bou Obeid
Cidade: Florianópolis – SC
10º lugar
Poesia: O que é viver?

Poeta: Giovana Monti Osório de Oliveira Alves
Cidade: Águas de Lindóia – SP

Categoria: Juvenil

1º lugar
Poesia: Anjo Amargurado
Poeta: Ellen Gabriela Correia Pires
Cidade: Avelinópolis – GO

2º lugar
Poesia: Há um corpo no chão
Poeta: Raíssa Letícia dos Santos Gonzaga
Cidade: Betim – MG

3º lugar
Poesia: Escravidão do século XXI
Poeta: Maria Eduarda da Silva de Brito
Cidade: Caruaru – PE

4º lugar
Poesia: Ausentes
Poeta: Yan Victor Silva Machado
Cidade: São Luís – MA

5º lugar
Poesia: Cansadas Terras do Novo Mundo
Poeta: Lucas Matheus Borges de Sousa
Cidade: Goiânia – GO

6º lugar
Poesia: Educação às cegas, o GPS pifou
Poeta: Cecília Cordeiro de Azeredo Pereira Rosa
Cidade: Rio de Janeiro – RJ

7º lugar
Poesia: Nem todos os poetas agonizam de dor
Poeta: Carolina de Lima Hossu Gutiérrez Corrêa
Cidade: São Paulo – SP

8º lugar
Poesia: Estátua
Poeta: Gabriela Zimmer de Paula Freitas
Cidade: Rio de Janeiro – RJ

9º lugar
Poesia: Damas
Poeta: Ana Vitoria Oliveira de Aguiar Soares
Cidade: São Paulo – SP

10º lugar
Poesia: Mostre-me o seu argumento
Poeta: Cynthia Diogo Garcia
Cidade: Maputo – Moçambique

Categoria: Adulto

1º lugar

Poesia: Soneto augustiniano de um natal despojado de anjos
Poeta: Luiz Carlos Junqueira Maciel
Cidade: Sabará – MG
2º lugar
Poesia: O talo de bambu
Poeta: Elvira Glória Drummond Miranda
Cidade: Fortaleza – CE
3º lugar
Poesia: Noite de bar
Poeta: Rafael Rocha Neto
Cidade: Recife – PE
4º lugar
Poesia: Lista de compras
Poeta: Elvira Glória Drummond Miranda
Cidade: Fortaleza – CE
5º lugar
Poesia: Profilaxia para as quatro estações
Poeta: Baktalaia de Lis Andrade Leal
Cidade: Vitória da Conquista - BA
6º lugar
Poesia: O abraço de casa
Poeta: Luiz Henrique Aguiar
Cidade: Magé – RJ
7º lugar
Poesia: O velho poeta solitário
Poeta: Gilliard Santos da Silva
Cidade: Fortaleza – CE
8º lugar
Poesia: Se acaso algum dia ao acordares
Poeta: Adelgício Ribeiro de Paula
Cidade: Franco da Rocha – SP
9º lugar
Poesia: Há mar em mim
Poeta: Patrícia Souza de Senna
Cidade: Recife – PE
10º lugar
Poesia: Passagem
Poeta: Gustavo Oliveira do Nascimento
Cidade: São Paulo – SP

Poeta Mais Jovem
Vinícius Magalhães Alves
7 anos
Coaraci – BA
Poesia: A natureza

RECORTES DE VIAGEM

J. CLAUDIO FARACO

Bahia: A Subida ao Monte Santo

Em nossa passagem pela cidade de Monte Santo – que foi a base do exército durante a sangrenta e desnecessária Guerra de Canudos, José Alexandre Bernardi (em memória), o guia José do Jabá e eu – Ronaldo Jaconi deixou para ir no dia seguinte – subimos até o alto do Monte Santo: uma hora de exaustiva caminhada, mas de interessantes paisagens. São dois km de subida íngreme e 24 capelas construídas ao longo do caminho.

A FÁBRICA DE ILUSÕES E A PUREZA DO SERTANEJO

Durante todo o trajeto para o alto do morro, Zé do Jabá,

na sua extrema pureza de matuto, contou-nos detalhes pitorescos dos bastidores da filmagem da série ‘O Pagador de Promessas’, da Rede Globo de Televisão, estrelado por José Mayer e a bela e sensual morena-jambo Denise Milfont. Zé do Jabá foi contratado pela TV Globo para ajudar em trabalhos de bastidores que diziam respeito às coisas do sertão e, como bom conhecedor da região, também como guia. Logo percebemos que a ingenuidade do caboclo ficou fortemente abalada diante da beleza, sensualidade e despojamento de Milfont que, segundo relato gaguejado do próprio sobrevivente, trocava de roupa diante de todos sem se importar a mínima com o que estava mostrando. O pobre homem fazia questão de nos indicar exatamente os locais onde a morena ficava seminua e, naquele momento,

ele parecia vê-la novamente à sua frente, tal o tamanho do regalado dos olhos e da gagueira que assumia proporções incontroláveis.

A NOVA IORQUE QUE NINGUÉM CONHECE E O MEU GRANDE COMPADRE ROMILDO LABEGALINI, QUE TODOS CONHECEM

No dia 30 de Setembro de 1988, estávamos no Maranhão e resolvemos ir à Nova Iorque, por onde a Coluna Pres-tes também passou. Curiosos com a novidade, acabamos por ter uma sucessão de decepções, começando pela própria estrada que era um risco de terra no meio do nada e a tal de Pensão Passarim, onde ficamos. Dia Trinta de Setembro: aniversário de meu afilhado Marcelo Labegalini, filho de meu compadre Ro-

mildo. Sem perda de tempo, liguei de um telefone público à cobrar e, pasmem!, a ligação se completou. Na outra ponta da linha, um alô, quem fala? Respondi com alegria: alô compadre sou eu o Cláudio! E aí, compadre, onde você está? Quando eu disse que estava em Nova Iorque, o compadre, como bom poliglota que é, passou rapidamente do português para o inglês sem tomar fôlego e sem sotaque montesionense. Conversamos bastante, eu com um pouco mais de dificuldade, e rimos bastante, também em inglês.

Mas, somente em Junho de 2007, na mesa de sua casa, dezenove anos e oito cervejas depois é que criei coragem para lhe revelar que aquela cidade não era a New York americana, rica, belíssima e famosa, mas sim, a modesta Nova Iorque maranhense, pequena, desconhecida e perdida

nos confins do sertão. O compadre, já meio “ferpudo” com a bebida, como o seu irmão e também meu grande amigo José Otávio (em memória) gostava de observar, reprimiu por segundos o movimento do braço que conduzia mais um copo de cerveja aos seus lábios, e o devolveu suavemente sobre a mesa. Depois, fez saltar seu olhar por riba dos óculos em direção à sua esposa, a comadre Nilza e ao Ugo Labegalini (em memória), o severo Diretor do Jornal Monte Sião, como que solicitando uma opinião de ambos sobre aquela “grave revelação”. No aguardo de apoio, piscou involuntariamente dezenas de vezes os olhinhos miúdos de jabuticabas malsucedidas e repassou aquele olhar ameaçador para mim.

— Xiii, errei na dose — pensei, arrependido! Após longos segundos de

silêncio, ele finalizou:

— Quer dizer então, compadre, que você me fez gastar meu inglês à toa?

Daí que todos caíram na risada, incluindo ele e eu, agora bastante aliviado. Ufaaa!

Este é o meu grande e maravilhoso compadre Romildo Labegalini, um homem cheio de bondades, conhecido e admirado por todos! Grande abraço, compadre!!!

Trechos extraídos do meu livro “EXPEDIÇÃO SAGARANA, UMA AVENTURA DE 25 MIL KM PELO SERTÃO BRASILEIRO”, ocorrida em 1988

Depressão

MÁRIO AUGUSTO POCAI

Dizem que a depressão é a doença do século. É uma doença terrível, a gente perde a vontade de viver. Leva à morte por suicídio. Quando uma pessoa se suicida eu logo pergunto se ele ou ela tinha depressão, e na maioria das vezes tinha.

As causas da depressão são difíceis de serem identificadas. Por que o aumento nos casos? Um motivo é que a depressão era identificada como outras doenças e isso não faz muito tempo. Outras podem ser genéticas, é comum membros de uma mesma família terem depressão. Outras são o modo de vida, nós viemos do mato para a cidade e esta é muito mais complicada que o mato. Além disso, hoje as pessoas são mais solitárias, mesmo vivendo com outras, é o cada um por si. A televisão atrapalha o relacionamento. É tão bonito ver pessoas sentadas fora de casa conversando no horário da novela, mas são poucas e os programas televisivos normalmente não trazem boas coisas. O uso inadequado do celular, pessoas saem para namorar, confraternizar, etc. e levam e usam o celular. Fu fico observando, tem casais que saem de casa para se divertir e ficam no celular, às vezes um fica e o outro não, precisa ver a cara do que não fica, é constrangedor, não sei como uma pessoa se sujeita a isso. Outro motivo é a destruição das famílias – por motivos às vezes banais acontece a separação – os filhos ficam sem o pai ou a mãe, deixam de ter uma for-

mação completa, depressão neles. Outro motivo é a falta de fé causada por religiões que, aparentemente – presta atenção, eu disse aparentemente – tem explicação para tudo que acontece. Religião sem a necessidade de fé não é religião, quem está nessa procure uma religião de verdade, debata com os líderes dessa religião racional sobre o que está escrito na bíblia – eles não conseguem explicar muita coisa, vão dar respostas evasivas. A relação no trabalho também é causa de depressão, tem empresário que trata o funcionário como uma máquina – tempo é dinheiro eu escuto – isso arrasa o ser humano, estressa e pode chegar à depressão, além de tudo o funcionário não consegue render o que pode, pois trabalha sobre pressão. Não sou especialista no assunto, não estudei para escrever, estou relatando experiências próprias e é melhor eu parar senão este artigo não tem fim.

Eu tive mais de quinze crises de depressão, pedia a Deus que me levasse embora todas às vezes. Era muito difícil viver. Tudo era difícil, até as coisas mais simples, como escovar os dentes, tomar banho, conversar, ler, escrever (eu amo escrever, mas não conseguia), escutar uma música, assistir televisão, etc e, o pior, era difícil cuidar dos filhos. Trabalhar era um terror, mas eu nunca faltei um minuto sequer por motivo de depressão, tinha uma família para cuidar.

A minha primeira depressão foi em 1992/1993. Eu estava desenvolvendo um projeto novo e inovador na

Rhodia, coordenei a implantação da ISO 9001 numa indústria química, envolvia cerca de 200 pessoas. Outras tentativas já tinham sido feitas e não obtiveram êxito. Imagine coordenar um trabalho complexo, com cerca de 200 pessoas atuando em tempo parcial. Eu me levantava mal, me arrastando. Ajoelhava e pedia a Deus que trabalhasse por mim, nem orar eu tinha vontade. Era tudo forçado. Foi um trabalho de cerca de 13 meses. Foi o mais rápido do grupo Rhone Poulenc (uma empresa francesa que, no Brasil, tinha o nome de Rhodia), normalmente eram necessários 18 a 24 meses para realiza-lo. Depois de tudo ter passado eu olhei algumas atas de reuniões que eu tinha redigido, eram ridículas, trabalho de criança. Chegou a semana da Auditoria para a Certificação ISO 9001. Era fevereiro 1993, me parece. Chamaram três auditores ingleses para dar credibilidade a auditoria, pois a Inglaterra foi o berço da Certificação ISO 9001 e eles eram muito experientes. Ficaram uma semana auditando, ou seja, foi como se fossem 15 pessoas auditando na semana. Não encontraram um problema sequer, nem uma não conformidade pequena, como chamávamos. Os auditores disseram que isso foi inédito, não tinham outro caso para relatar. Obtivemos a primeira certificação ISO 9001 para uma Indústria Química no Brasil. Quando Deus cuida tudo sai perfeito. Precisa que O deixemos cuidar da nossa vida. Há várias formas de permitir que Deus

cuide de nós. A oração é uma delas, tanto a pessoal como a comunitária, como a participação em missas e cultos. É necessário participar de uma Igreja Cristã, seja ela católica ou evangélica. As outras religiões não têm Jesus e o Espírito Santo como deuses, portanto não seguem a Bíblia do Deus Pai, seguem outras formas de deus. Vão dizer que tem isso ou aquilo que não funciona bem nas Igrejas cristãs, que tem religiosos que aprontam. Tem mesmo, onde tem ser humano tem desvios e alguns graves, é normal. Mas as Igrejas cristãs são protegidas por Deus e não tem o que as derrube. Podem até cair de vez em quando, mas se levantam.

Bom no final do projeto eu tinha melhorado, demorei para pedir ajuda médica adequada, pois naquele tempo a doença era pouca conhecida e, mesmo os médicos, achavam que era algo do tipo “frescura”. Esse tipo de comportamento, ou seja, rotular a depressão como “frescura”, é muito prejudicial ao doente. Imagine, ele já está sofrendo e ainda dizem que ele é “fresco”. Outro comportamento inadequado é dizer que a pessoa está doente porque não tem fé. Deus do Céu, como não ter fé, se o doente não tiver um pouco de fé, a pessoa não tem chance de viver, a depressão tira toda energia do ser humano. É difícil enxergar um deprimido como doente, exteriormente ele não apresenta sintomas da doença. Então “parece” que ele está normal. Ele precisa de muito apoio, tanto para realizar as tarefas que não conse-

gue, como para ser cuidado. Gente, imagine esta situação, você querendo se ver morto e as pessoas que estão em volta não notam coisa alguma e, portanto, além de não ajudar, conseguem atrapalhar.

O tratamento da depressão deve ser feito por um psiquiatra e, preferencialmente um profissional que já tenha tratado vários casos. Esse é um problema, tem muitos médicos novos que se propõe a tratar a depressão. A formação de um bom psiquiatra exige muita experiência prática, portanto muitos anos. Não é fácil. Eu encontrei o médico certo há um ano e meio. E o tratamento dele é o mais simples que eu já fiz. Estou tomando somente um medicamento por dia, que praticamente não tem efeito colateral nem a curto, médio ou longo prazo. Posso até bebericar algumas bebidas fortes. O que pode acontecer se eu beber exageradamente é eu ficar bêbado antes das outras pessoas. Então eu tenho que tomar muito cuidado. Estou dizendo isso, pois a escolha do médico é muito importante. Existem muitos medicamentos diferentes e dosagens também diferentes. O psiquiatra não tem exames para diagnosticar a situação de um indivíduo, ele depende de informações sobre a situação do paciente, feita tanto pelo próprio, tanto como pelas pessoas que o rodeiam. Por isso a importância de atuar como apoio ao deprimido e não como julgador. Se o médico não pede a presença de pessoas que rodeiam o paciente, ao menos nas primeiras consultas, cuidado com

ele. Outro ponto importante com relação ao médico é que se ele insiste no tratamento, mesmo sem que o paciente apresente resultado em poucos meses, mude de médico, como eu disse existem várias opções de medicamentos e de dosagens, não vale a pena continuar com um tratamento se ele não dá resultado em poucos meses. Pelo menos é a minha experiência, passei muito mal por esse motivo. Procure saber como o médico trata os outros pacientes. Se ele só tem uma linha de atuação é problema, um paciente é diferente do outro e o tratamento deve ser individual.

Estou me expondo e dizendo tudo isso, porque desejo ajudar os depressivos e as pessoas que os cercam, aprendi muito sobre o assunto depois de mais de trinta anos de doença. Hoje eu curto tudo que faço, desde as pequenas coisas, sou feliz e é claro acredito e temo a Deus. Tudo que faço é com Deus acima, ao lado, abaixo e dentro de mim. Estou à disposição para ajudar.

Celular: 19 992047610 – não estranhe se eu demorar para responder, uso o aparelho somente em alguns momentos do dia.

e-mail: m.pocai@hotmail.com – uso bem menos que o celular. As vezes passo dias sem acessar.

LELO DE BRITO

Há coisas na vida que não se explicam. Como aceitar, senão como mistério, que minha vizinha, aos 102 anos de idade, tenha decidido criar um galo em seu pequeno quintal? Nessa idade, se ela plantasse um cipreste, eu teria entendido o recado. Mas que nada. Faz um mês que o galináceo está no pedaço, peito estufado, plumagem psicodélica, espo-

ras afiadas. Vez em quando ele abre as asas, encolhe uma pata e, equilibrado sobre a outra, fecha os olhos e fica quieto. Da janela do segundo andar eu me pergunto, onde ele terá aprendido yoga?

Desde a chegada, como no samba de Clementina de Jesus, o galo cantou às quatro da manhã. Que se há de fazer, até aí tudo bem. É chato viver em um apartamento e todos os dias ser acordado por um galo

desafinado. Tem algo de morar na floresta e ser acordado pela carreta furacão. Mesmo assim, vá lá, aqui também bate um coração. Sei que posso estar diante do último desejo de uma mulher centenária, testemunha ocular da decadência da nossa palavrosa espécie. Eis o mistério: amai e confiai.

Porém, tudo tem limite. De um tempo para cá, mistério irritante, o galo abre o fole às quatro da madrugada e canta até às

sete e meia da manhã. Aí já é demais. Ninguém dorme na vizinhança. O galináceo histérico acorda o bebê do andar de cima, que acorda sua mãe, que ralha com o pai por ter um sono de pedra. Até seu Orlando do térreo, que é meio surdo, anda bolado, resmungando impróprios e mandingas. Nossa vizinhança está desassossegada, precisa de um herói. Mesmo que seja eu.

Estou decidido a matar o

galo. Só não sei como fazê-lo. Andei pensando em vestir uma balaclava, saltar o muro antes das quatro da manhã e, à moda antiga, torcer-lhe o pescoço. Mas desisti. O bicho sabe yoga, vai que é um galo de rinha, oitavo dan, capaz de sangrar meu pescoço com uma esporada ninja. Preciso de um plano infalível. Alguém aí faz ideia de como assassinar um galo discretamente e de modo indolor (para mim)? Aliás, preciso de

um método discreto, indolor (para mim) e cruel. Afinal, é uma vingança.

Para Rodrigo Esperidião, el Conejo

Vingança

MEMÓRIAS DE PAOLO PANCIOLI - 11

Pina e Roberta, já nas primeiras semanas foram a Ouro Fino para descansar e conhecer o resto dos parentes. Mamã assumiu a direção da casa que era bastante espaçosa e confortável. No andar superior tinha dois quartos, um para os pais e outro para as meninas e um bom banheiro. No térreo, uma sala, uma copa, uma cozinha, um quarto de despejo, além de um quintal com lavanderia e banheiro. Tinha também um pequeno jardim com um terraço na entrada. A copa foi transformada em um quarto de dormir, para mim, Piero e Nardino. A casa era bem localizada, com gás encanado e próxima, cerca de 100 metros, do ponto final do ônibus elétrico da Aclimação. Papai e o Piero continuaram com o mesmo trabalho, realizando pequenas reformas para sustentar a família. Naquele final de 1949 e início de 1950 o clima foi especialmente chuvoso, o que complicou uma situação de trabalho já difícil. As poucas oportunidades existentes não podiam ser aproveitadas integralmente devido à chuva e alguns pagamentos atrasavam. As reservas de papai tinham sido usadas para a nossa chegada e para a mobília da casa. Por causa disso, nos

encontramos com dificuldades financeiras que só foram superadas depois de alguns meses com a ajuda de parentes e com a normalização do clima e dos trabalhos. Nesses meses difíceis, nas poucas ocasiões em que foi possível e necessário, trabalhei como servente com o papai e com o Piero. Junto com o Nardino, tentei fabricar estatuetas de gesso, mas com a falta de ferramentas apropriadas e habilidade comercial, não tivemos sucesso. A ideia de fabricar cola já tinha sido abandonada pela evidente necessidade de capitais que não tínhamos. Tentei arrumar emprego na GE (General Electric), mas pediram que eu voltasse quando já tivesse o domínio da língua portuguesa. Foi um período de desânimo e de revolta por não ter uma profissão que me garantisse trabalho para ajudar a família. Enfim, um velho amigo de Barga, que morava em São Paulo, o Doutor Gianni Simonini me indicou para um alto funcionário do Matarazzo (Indústrias Reunidas Matarazzo, o maior grupo industrial do país na época) e lá obtive um emprego nos escritórios centrais da empresa. Tudo isso em abril de 1950, cinco meses após a minha chegada no Brasil. O horário de

trabalho era das oito da manhã até meio dia e das quatorze até as dezoito horas. Consegua almoçar em casa utilizando o trem-leibus (ônibus elétrico), que era rápido e confortável. Quando possível, fazia horas extras de noite e no sábado à tarde. Trabalhava na “Seção Controles” no quinto andar do Edifício Matarazzo (hoje sede da Prefeitura entre a Praça do Patriarca e o Viaduto do Chá). Nos primeiros tempos controlava o movimento dos diversos “Postos de Abastecimento*” da IRFM (Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo). Se lembro bem, ganhava mais ou menos 1.300 Cruzeiros por mês, mais as horas extras. Eram valores que não me deixavam rico, mas me permitiam uma boa ajuda nas contas da família. O salário mínimo da época girava em torno dos 1.000 Cruzeiros, mas o seu poder aquisitivo era muito superior ao salário mínimo de hoje.

* “Postos de Abastecimento” eram mercados exclusivos para os funcionários com produtos da IRFM, que na época, produzia quase tudo.

Papai no seu trabalho tinha dificuldade com a língua, provavelmente devido à idade. Não entendia bem seus auxiliares e

não conseguia transmitir bem ordens e orientações. Era um problema que limitava as oportunidades de trabalho. Com a chegada de Piero que dominou rapidamente a língua, tudo estaria resolvido não fosse o seu espírito independente e um pouco rebelde que não permitia uma colaboração muito harmoniosa e produtiva entre eles. Provavelmente o caráter autoritário e rigoroso de papai também tenha pesado nessa situação. Fica difícil julgar, mas foi uma pena porque depois de uma colaboração aceitável nos primeiros anos, abandonaram anos mais tarde a profissão, um devido à idade e o Piero por outros interesses.

No segundo semestre de 1950 a situação financeira da família se estabilizou. Romeo Nardini (primo de mamã) decidiu construir diversos apartamentos, criando assim novas oportunidades de trabalho, que trouxeram ainda mais tranquilidade e equilíbrio para a família.

Nessa época, ainda tinha poucas amizades, limitadas ao ambiente de trabalho e aos vizinhos de casa. Um deles era o médico José Lorenzi, com quem frequentemente passeava ou encontrava no ônibus elétrico indo

ao trabalho. Outro deles era um senhor (José Rigatuso), filho de italianos, que com um certo domínio da língua italiana, tinha assumido a tarefa de ensinar-me o português. Ele morava em frente de casa e a noite, depois do trabalho, sentava comigo e, tomando uma cerveja, pacientemente acompanhava a minha leitura de “Seleções”, traduzindo, corrigindo ou explicando conforme a necessidade. Ainda conservo dele uma grata lembrança e o amor dele ao Palmeiras, que ele, torcedor fanático, me transmitiu. Danilo, Mauro e familiares eram os nossos verdadeiros e queridos amigos. Sempre que possível, nos encontrávamos pelo prazer de conviver, mesmo se, frequentemente, era para termos conselhos, orientações e ajuda. Eram nossos amigos e irmãos. Particularmente, nesses primeiros tempos, Tia Wanda, Laura, Bruno e Krysantho se multiplicaram para nos ser úteis e amenizar as naturais dificuldades de adaptação. Com Krysantho e Bruno tive a oportunidade de assistir o primeiro jogo do Palmeiras, visitar a cidade e o Porto de Santos e frequentar ótimos restaurantes como o Fasano e outros. Todas as vezes que vinham a São Paulo nos visitavam

para saber se estávamos bem e para nos oferecer alguma distração. Laura e Bruno eram filhos da Tia Wanda (irmã de mamã) e o Krysantho era o marido de Laura. Todos eles moravam em Ouro Fino, Minas Gerais, onde além de uma grande fazenda e uma empresa de ônibus, tinham diversas outras atividades.

Daqueles tempos, naturalmente, lembro bem das primeiras impressões. Tinha a sensação de viver no meio de pessoas ricas num país pobre. Ficava surpreso com a quantidade e variedade de festas: matrimônios, aniversários, noivados, formaturas e comemorações das mais diversas aparentemente abertas ao público em geral. Achava também muito estranho que num país imenso os terrenos urbanos fossem tão caros. Também o uso, para os homens, de trajes escuros completos de paletó, camisa de manga comprida e gravata, em um clima tropical, me parecia muito estranho. Ninguém usava sandálias ou mocassins e quando eu usei uma bermuda, provoquei um meio escândalo nas vizinhanças de casa. Para dizer a verdade, com o tempo, me adaptei a tudo isso, assumindo e praticando os mesmos hábitos com naturalidade.

Um raio junino sobre Dadinha!

VALDO RESENDE

Ela chegou àquela altura da vida em que nada havia a perder, mesmo querendo perder o que guardara para um possível príncipe, que nunca chegou; desconfiava que ninguém mais manifestaria interesse pela coisa, como passou a denominar sua prenda. “- Coisa, coisa, pensava Dadinha, que palavra feia.” A idade chegou e ela ali, intacta, tão pura quanto um lírio. O símbolo máximo de pureza, a comprovação física da castidade havia se transformado em coisa.” - Triste fim da borboleta! Melhor não pensar”, pensava Dadinha.

O apelido veio na infância; Dadinha completou os primeiros quatro anos articulando uma única sílaba “- Dá!” Repetia, ensaiava entonações, praticava incríveis variações sorrindo, chorando, séria, ensimesmada, ao som único: “- Dá!” E virou Dadá, Dadinha. Desconfiava da criatividade familiar a partir do primeiro apeli-

do. E não contabilizaria, ao longo de toda a vida, outros acontecimentos que pudessem desfazer a certeza aumentada ano após ano. Criatividade não era característica familiar e, pior, Dadinha veio com a mesma sina.

Sem conseguir grandes feitos na vida, Dadinha culpava a família pela falta de brilho, pela ausência de algo que a fizesse notável. Cansada de passar o tempo em branco, houve um momento em que se permitiu ser encaminhada para uma espanhola, autodenominada terapeuta alternativa. Esta conseguiu dois feitos notáveis: fez com que Dadinha acreditasse que sofria de complexo de inferioridade e, segundo, que o processo de cura começaria trocando-se o diminutivo pelo aumentativo no apelido da moça. Assim surgiu, por pouquíssimo tempo, a Dadona!

O resultado concreto da terapia foi que ao anunciar o resultado e a necessária mudança, Dadona ganhou olhares incre-

dulos, sorrisos de espanto e mais solidão. Qual moça quereria amizade com alguém com um nome desse? Uma única amiga consentiu em apresentá-la pelo novo nome: “- Jurandir, esta é a minha amiga Dadona!”

Jurandir, mineiro das antigas, levou nome Dadona ao pé da letra, arrastando-a para uma rua deserta no começo daquela mesma noite. Lá em Minas Gerais, dadona era quem facilitava muito, com inequívoca generosidade. Acho que ainda é assim, embora com outros adjetivos. O rapaz ganhou bofetões de uma indignada Dadona que, mediante o ocorrido, reassumiu-se Dadinha.

Décadas depois, já em São Paulo, bebericando nas nossas tardes de sábado, Dadinha sempre me confidenciava: “- Bem que deveria ter aceitado as investidas de Jurandir. Pelo menos teria alguma lembrança do que é sentir um corpo por cima, por baixo... ou seria de lado?” Ficava com raiva de nem poder expres-

sar uma preferência e achava a vida muito sem sentido. Tanto que em um mês de junho, bem próximo do dia de Santo Antônio e acreditando que nada mais havia a ganhar, deixou promessas e simpatias de lado. Estava crente que seu caso pendia mais para Santa Rita dos Impossíveis do que para o santo casamenteiro. Foi quando o raio caiu.

Aquele onze de junho surpreendeu São Paulo com uma tempestade tenebrosa. Raios caíram sobre a cidade e um bem sobre nosso edifício; sim, Dadinha é minha vizinha. Tomou-me por filho postiço, amigo e confidente, posto que cheguei adolescente na vizinhança. Moramos na Bela Vista e em nosso prédio foram muitos os apartamentos com vários eletrodomésticos queimados. Dona Jovelina, vizinha carola e fofoqueira, espalhou a notícia: “- Vingança de Santo Antônio! Ela desdenhou do Santo, blasfemou, ele queimou a casa dela e ela, de susto, ficou lá

repetindo dá, dá, dá...”

Fiquei com pena de Dadinha. Assustada e em choque com o raio, seguido do barulho ensurdecador do trovão, reverberando pelas paredes dos edifícios vizinhos, condenada a retornar ao dá, dá, dá infantil. Fiquei penalizado até que, ao chegar do trabalho, encontrei Dadinha, toda produzida, com um sorriso escancarado, eufórica ao ponto de não se conter, me dizendo sem rodeios: “- Eu fiz!” Sem que eu manifestasse entendimento e vendo que D. Jovelina se aproximava ela se exaltou: “Eu dei!”

A velhota fez cara de indignação, ameaçou impropérios interrompidos quando Dadinha a chamou de invejosa. Sem esconder o riso não me contive, querendo saber o outro ator de tal ato. “- Jurandir! Reencontrei o Jurandir. Há muito que está em São Paulo e é eletricista, veio chamado pela síndica para restabelecer a energia no meu apartamento. E eu lá, só dizendo dá, dá, dá, ele achou

que eu queria, aí, veio me pegando, me cutucando, me beliscando, me bolinando... Ah, Vavá, como eu pude viver sem isso!”

Entendi a felicidade, a produção em plena quinta-feira. Compreendi os caminhos tortos dos santos; o simpático Santo Antônio jamais se vingaria; pelo contrário, mostrou sua força nesse quase milagre. Olhando os brilhos e o batom acentuado de Dadinha indaguei se ela estava saindo para novo encontro com o mineiro Jurandir. “- Que nada, menino. Vou para o boteco da Dinorah, vou recuperar o tempo perdido.” E saiu renascida, jovial, cheia de vontade de repetir o feito com o antigo paquera. Senhora de si, do seu corpo e do direito de ser feliz. E vendo-a assim, só pensei em uma exclamação possível nesse frio de Junho, tão propício ao amor: “- Viva Santo Antônio!”

- Explique?

- Meus antecessores te enfrentaram com armas externas. E você os derrotou. Tirou tudo aquilo que eles acreditavam. Eu, por outro lado, estou te enfrentando com armas internas, isto é, meu conhecimento. E isso seu poder não pode vencer. Ninguém extingue o saber interior!

Denhão, após um breve silêncio, foi se afastando de Locermo até desaparecer por completo. Não se sabe se Denhão foi destruído, acredita-se que foi importunar em outro lugar.

Quanto ao jovem letrado este retornou ao povoado, antes do pôr do sol conforme havia dito, e trazia consigo a seguinte mensagem: Há vida na floresta e também no outro lado do vale.

A partir desse episódio o modelo de vivência foi sendo modificado. E daquela tarde em diante ninguém do povoado nunca mais viu o Denhão da floresta.

MARCELO FERRARI

Numa ampla floresta, bem além dos vales das aves migrantes, habitava um ser misterioso, cujo nome era Denhão. Um sujeito extremamente peludo. Temido por todos, por conta de ser bípede e quadrúpede a depender da situação, era dominador naquele deserto verde. Empunhava restrições a tudo e a todos. “Façam o que eu mando, mas não façam o que eu faço,!” Tipo, isso! A fauna, a flora e os humanos permaneciam à mercê das ordens de Denhão. As pessoas que se arriscavam aventurar-se por entre as sombras das árvores, eram vencidas pelos pelos. Isso mesmo! Pelos pelos. Acontece que Denhão detinha poder em seus pelos.

Num povoado próximo, dentro duma casa onde costumemente se encontravam, os habitantes discutiam formas de derrotar aquele ser monstruoso. Homens e mulheres estavam empenhados na tarefa de pôr um fim nas malícias impostas por Denhão. Eles aspiravam poder usufruir dos direitos de ir e vir

(claro, não se esquecendo dos deveres) e dar cabo naquele modelo de vivência.

Então o primeiro plano foi elaborado. Os homens iriam entrar na mata armados com flechas e punhais e outras armas chamadas de brancas com a finalidade de acabar com o ditador. E assim fizeram. No centro na floresta, sem nenhum sinal de alegria da natureza, encontraram o temeroso Denhão. Imediatamente suas armas foram sugadas pelos pelos e derretidas como parafina de vela de sete dias. Os que, até então pareciam corajosos, voltaram ao vilarejo com a frustrante sensação de derrota e medo dos castigos que poderiam sofrer por ter desafiado o todo poderoso.

Dias depois, outra estratégia. Dessa vez foram armados com outros tipos de armas: Armas de fogo. Diziam-se ser a melhor forma de destruição. Então, numa manhã bem cedinho, semelhante a um exército prestes a invadir o território inimigo, cercaram toda a floresta. Naquele dia, nem os ventos se atreveram a movimentar as folhagens por conta

do clima de ódio e vingança que pairava no ar. Sem demora, foi encontrado Denhão. Este, detentor do poder, apenas movimentou seus pelos e, antes que os atiradores pensassem em apertar gatilhos, suas armas formas atraídas ao corpo peludo daquele ser horripilante e liquefeitas como manteiga ao fogo. Retornaram para a casa, novamente fracassados. E Denhão parecia ficar mais forte com os tipos de investidas das pessoas.

Novo plano. Dessa vez quem iriam vencer aquele diabo eram as mulheres. Raciocínio lógico! Se os homens não conseguem, a força feminina irá obter êxito. Iremos protegidas por escudos de aço unidos um nos outros e presos em nossos corpos, assim como as armas, dizia uma das líderes do grupo. Dessa forma os pelos do Denhão não poderão atrair os metais para si, então ele será destruído por nós, acreditava o grupo. Na hora marcada, partiram para a batalha. Ao avistar os sinais, apenas os sinais, dos pelos poderosos de Denhão, o grupo de guerreiras sentiu calafrios. Mas todas estavam convic-

tas da vitória e seguiam em frente na direção do colosso hirsuto. Quando o encontraram, o imaginável aconteceu. Denhão não conseguiu atrair os escudos e armas por conta de estarem unidos uns nos outros. Ainda que com medo, as valentes combatentes sentiram uma breve sensação de vitória. Denhão seria destruído e a vida na floresta reestabelecida. No entanto, - como disse Papa Rudy no filme A Travessia: “- a maioria cai no fim achando que já terminou” - uma pequena ação do, agora quadrúpede, surpreendeu a corporação. Denhão agitou todo o seu corpo e pelos foram se espalhando em direção às agentes da esperança. Cada pelo que tocava nas confiantes proteções as derretia e faziam-na escorrer em direção ao solo em forma de sangue. Mais uma demonstração de força de Denhão e de fraqueza das pessoas. O modelo de vida parecia que ainda iria perpetuar.

Tempos depois, no lugar de sempre, quando se discutiam a respeito de qual arma poderia vencer Denhão, um jovem letrado, de nome Lo-

cermo, levantou-se e afirmou que ele poderia mudar aquela situação sem utilizar de arma nenhuma. Como isso? Indagaram! Se todos nós juntos, com todo tipo de armas não conseguimos vencer, você acredita que pode derrotá-lo sozinho e ainda por cima sem armas? Acredito! E eu irei sozinho encontrar Denhão, hoje mesmo, e retornarei antes do anoitecer.

Isso dito, o moço letrado se adentrou na selva a procura da fera. Rapidamente houve o fatídico encontro entre Denhão e Locermo. Imediatamente o senhor dos pelos iniciou suas formas de aniquilamento. Locermo, sem demonstrar fraqueza, permaneceu imóvel. Comportamento típico de quem acredita, ainda que exista o medo, na força interior. Sentindo a inutilidade dos pelos, Denhão perguntou ao seu oponente:

- Por que meu poder não te atinge?

- Porque meu poder é bem maior que o seu, respondeu Locermo.

- E posso saber qual é esse poder?

- Sim! Conhecimento.

CITIUS, ALTIUS, FORTIUS

JOSÉ ANTONIO ZECHIN

Faz tempo que o mundo se tornou um lugar ridículo demais para se viver.

Com milhões de pessoas passando fome e sede, além das que morrem em guerras estúpidas ou são obrigadas a fugir, sem lugar para morar, doenças incuráveis, assassinatos, desemprego, entre milhares de outras tragédias humanas — tem gente preocupada com o sexo dos anjos. É o caso da holandesa Indy Mellink, psicóloga forense, 23 anos, que acabou de criar o “baralho

sem gênero”. Para acabar com o racismo e a hierarquia social.

Realmente, onde já se viu tamanha desigualdade, como o rei pode valer mais que a rainha? Fiquei até com pena da simpática rainha Elisabeth II, tão duramente subjugada entre as masmorras do Palácio de Buckingham há quase um século, coitadinha! E por que o rei, a rainha e o valete têm que ser brancos?! Não poderiam ser negros, amarelos, vermelhos ou azuis?! Por ser muito longo, não descrevo aqui, mas pesquise a fantástica simbologia histórica do baralho. Além de quanto valem as

cartas em cada jogo: no poker, a maior carta é o Ás. No truco, é o quatro de paus, conhecido por “zap”. E quanto vale um coringa nos jogos de cacheta e buraco?

Na opinião da moçoila, o baralho “classifica” o homem acima da mulher. Assim, as cartas não teriam mais as imagens do rei, rainha (ou dama) e valete. Seriam ilustradas simplesmente por barras de ouro, moedas de prata e escudos de bronze. Claro, símbolos perfeitos para o “mundo igualitário” em que vivemos. Daí não haveria nenhuma discriminação.

Por falar em ouro, prata e bronze, logo vai aparecer alguém para mudar o conhecido lema olímpico, criado em 1894. O tal de “Citius, Altius, Fortius” — que em latim significa “mais rápido, mais alto, mais forte”. Uma tremenda discriminação! Poderia ficar “o mais lento, o mais baixo, o mais fraco”. Outro jogo que merece remodelação é o xadrez. Onde já se viu misturar reis, rainhas, bispos, cavalos e peões num tabuleiro preto e branco!! Isso precisa mudar, urgentemente!

Por favor, releia a primeira frase da crônica...

O canto da Poesia



Adormecidos

muitos estamos mortos e não sabemos ou apenas ignoramos esse estado de impressões mórbidas

muitos nos esquecemos de saborear laranjas framboesas alegrias cerejas e amoras

e de nos perdermos no voo das andorinhas dos beija-flores e borboletas

Mas ainda há tempo da cura se entendermos que depois das portas e janelas há um mundo esplêndido lá fora

José Carlos Grossi

Pose

Posou com pose de sábio

Com jeito de sábio vestia

Só que o saber do gaiato

Nem no retrato se via

Eraldo H. Monteiro

Cheiros de Infância

Como é bom a gente relembrar o tempo de criança, Quando as nossas 'nonnas' faziam aquelas iguarias gostosas. Aqueles quitutes que não saem de nossa lembrança, Aquelas frituras doces e salgadas muito gordurosas...

'Tenho saudades dos cheiros da minha infância, Quando entrava na cozinha e minha mãe assava um bolo no fogão A lenha' do mato, com aqueles assados com sustâncias 'E eu lambuzava os dedos' com a mais pura satisfação...

'O aroma se espalhava pela casa despertando Gulodices' e ao mesmo tempo apетecendo gostosamente. 'As frutas do pomar' ao paladar aguçando, 'Os legumes da horta cheiravam' ao serem cortados pacientemente...

'Quando chovia cheiro de chuva e terra molhada E a gente deslizava por caminhos de lama'. Molhava-se todo com a roupa ficando enxarcada, Mas tudo parecia normal com uma felicidade tamanha...

'As colinas da cidade com parreirais carregados De frutos espalhavam o cheiro de uva' maturada. 'Abelhas aproveitavam para colher o mel' adocicado E a criançada também saciava a gula conservada...

'Quando ia benzer nas benzedadeiras aquele cheiro de arruda E alecrim misturado com velas acesas. A benzedeira fazia um sinal' da cruz' que ajuda Na cura de 'simioto, quebrantos' sarando que era uma beleza...

'Esfolados tinham cheiro de mertiolate daqueles que ardia', Vertendo 'claro algumas vezes lágrimas com gosto de sal. Mas tudo dá gosto na vida', uma vida vivida com alegria, Ainda mais quando no calendário se aproximava o Natal...

'Os aromas de hoje são outros, os fogões a lenha ficaram frios, Os aromas de infância desapareceram' pra não mais voltar. 'Ficou tudo o que não cheira. Minha Mãe se foi'. Ficou um vazio 'No ar ficou um cheiro de saudade', tão difícil de apagar...

(Ao ler a crônica 'Aromas da Infância' de José Antonio Zecchin, publicada no "Jornal Monte Sião", ed. no 600, junho de 2022)

Arlindo Bellini

MONTE SIÃO DE OUTRAS ERAS

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, textos de antigos colaboradores

QUANDO OS TEMPOS ERAM UMA VEZ

JOSÉ ANTONIO ANDRETTA

Quando os tempos eram uma vez e a televisão não havia invadido os lares, eram cultivados costumes como uma boa prosa sem pressa ao pé do fogão a lenha. O fogão a lenha desempenhava um papel importante nas casas de então. Naqueles tempos de antigamente, parecia que os ponteiros dos relógios moviam-se com vagar; que o inverno começava antes e terminava depois das datas assinaladas no calendário pendurado na parede; que o frio era mais intenso e mais dóido; que as conversas fluíam com lentidão, cheias de volta até se aproximarem do assunto principal; que as notícias demoravam a chegar e, por isso, deviam ser saboreadas devagar.

Tudo isto pedia intimidade e calor para que as conversas desenrolassem do jeito que era exigido. E o melhor lugar para encontrar intimidade e calor era a cozinha das casas, ao lado das brasas do fogão a lenha e das paredes enegrecidas pela fumaça saída das achas de madeira. Ao redor do fogão a lenha, graves assuntos eram discutidos e decisões importantes eram tomadas; mas, perto dele, também se deixava simplesmente o tempo passar, fluido, escorrendo devagar pelos vãos dos dedos na garupa de uma conversa descompromissada. Na beira

do fogão a lenha, perto do calor de suas brasas, muitas alianças políticas foram alinhavadas; casamentos foram combinados; negócios foram engendrados; disputas eleitorais foram equacionadas.

Naqueles tempos de antigamente, numa pequena cidade mineira, destacava-se D. Marianica, senhora de maneiras elegantes que dominava os segredos de condução de uma conversa ao pé do fogão a lenha e conhecia os mistérios do preparo de licores deliciosos e de doces cujos nomes invocavam os habitantes das cortes celestiais. Seu marido era chamado apenas de Doutor Estevão, um nome que era mencionado com respeito até nos mais remotos cantos do município onde ele e D. Marianica moravam.

O Doutro estevão era um grande líder político. Havia sido prefeito em mais de uma legislatura e era cortejado pelos políticos da capital do Estado porque era capaz de carrear uma quantidade de votos suficiente para botar o pé de um candidato na soleira da Assembleia Legislativa. No entanto, como também era comum naqueles tempos de antigamente, o poder do Doutor Estevão era questionado por Chico Bastos, outro político de respeito. As divergências eleitorais e as alternâncias no poder, com as consequentes retaliações contra os perdedores, haviam feito de Doutor Es-

tevão e Chico Bastos sólidos inimigos. Todos na cidade se lembravam das vezes sem conta que um chamou ou outro dos piores nomes possíveis do alto dos palanques. Muitos ainda se recordam da ocasião em que se encontraram por acaso numa rua da cidade no meio de uma tarde ensolarada, trocaram insultos e socos até ser apartados e carregados cada um para seu lado. Coisas da política.

Num dia frio de inverno, depois de uma curta enfermidade, o Doutor Estevão faleceu. Nas noites que se seguiram ao seu enterro, muitas pessoas, de aliados políticos a meros conhecidos, de compadres a parentes, foram à casa de D. Marianica para apresentar à viúva as condolências de praxe. Numa dessas noites, D. Marianica estava reunida com sua família na cozinha, perto do fogão a lenha, quando a empregada veio avisar que Chico Bastos em pessoa estava na sala, querendo apresentar seus pêsames à viúva de seu inimigo político.

Os presentes esperavam que D. Marianica, justificada pela dor de sua viuvez recente, expulsasse o adversário de seu marido daquela casa, dando a ele uma lição para ser lembrada para sempre. Porém, a velha senhora envolveu-se em suas maneiras elegantes e, muito formal, dirigiu-se à sala para receber o inimigo de seu marido. Manteve com ele uma

longa conversa e, dispensada a visita, voltou para a cozinha onde era esperada com curiosidade. Um dos parentes a recebeu com uma reprimenda:

– D. Marianica, esse Chico Bastos foi o maior inimigo de seu marido. Como a senhora teve a coragem de recebe-lo e de conversar com ele?

Calmamente, a viúva respondeu:

– Ele veio em missão de paz e, se eu não o recebesse, seria falta de educação. E a falta de educação, graças a Deus, não faz parte de meus defeitos.

Limpou uma mancha inexistente na manga do vestido preto e concluiu:

– Mas eu fiz a ele uma desfeita que não deve ter passado despercebida a um homem vivido como o Chico Bastos. Por conta das desavenças que ele teve com meu marido, não o convidei para conversar aqui perto do meu fogão a lenha.

Assim eram aqueles tempos de antigamente, quando os invernos duravam mais e os ponteiros dos relógios moviam-se com menos pressa.

Extraído do livro “Quando os tempos eram uma vez”

O Caminhoneiro e a musiquinha

UGO LABEGALINI

Eu voltava do Recife com um carregamento de pedras gesso para o Rio de Janeiro. Cheguei a Barra do Tarrachil, lugarejo encostado ao Rio São Francisco, na divisa da Bahia com Pernambuco. Viajando de cedo à noite, embaixo de chuvas sem cessar. A fome e o cansaço me dominavam, até porquê, já eram onze horas da noite. Estacionei o Fe-Ne-Me em frente ao único casebre. Ali, forneciam comida aos poucos viajantes que, igual a mim, se propunham a transitar por aquela estrada quase deserta. Os motoristas evitavam aquele itinerário devido à travessia daquele mundaréu de água, que era feita através de uma velha balsa. Não havia a menor segurança sobre possíveis acidentes; por isso os caminhoneiros caíam fora.

Diversas vezes, notícias davam conta de terem naufragado acidentalmente alguns veículos, deixando seus proprietários a ver nuvens. Tantas vezes enfrentei aquilo, por ser o caminho mais curto e por medida de economia na viagem, porém sempre durante o dia. Após desligar o motor barulhento do caminhão o silêncio da noite escura, que era um breu, se ouvia o rio enfurecido, bufando em recusa ao grande volume das águas. E om isso me botando medo para a travessia no dia seguinte. Entrei no boteco em busca de saciar a fome. Lá dentro, tudo sob a luz do lampião.

- Boa noite, tudo bem?

- Tudo, o que deseja caminhoneiro?

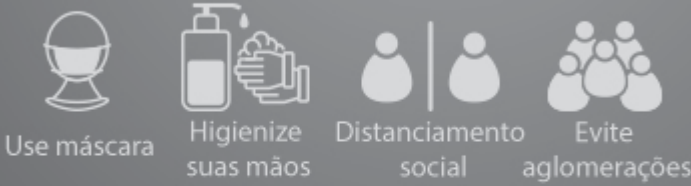
- Se ainda tiver do que comer, me sirva, porque me sinto morto de fome. Dentro de poucos minutos, sobre

a mesa, arroz, feijão, peixe frito e tomate caipira fatiado e temperado. Num canto do humilde recinto, os filhos da casa ouvindo música, ao som rachado duma vitrolinha desafiada, rodando discos de 78 rotações. Que gostosura, que romântico ouvir o barulho das águas do velho Chico misturado à música. Percebendo as conversas agradáveis, me intrometi junto deles até a madrugada. A fome eu já havia despachado, mas certa hora, dominado pelo cansaço, falei boa noite e bumba na cama da boleia. Estiquei os cambitos e fiquei assuntando o som que vinha da vitrolinha desafinada e chiando, tocando aquelas músicas da época. Enquanto aguntei ficar acordado, os discos giraram tantas vezes que até decorei algumas das letras e a melodia. Na semana passada, relembrando aque-

la noite, me atrevi junto ao violão cantar algumas delas, mas com o passar dos anos, o tempo conseguiu apagar da minha memória parte das letras e também das melodias, deixando-me só saudade.

Extraído do livro “Crônicas de um Caminhoneiro”

A Pandemia não acabou e todos temos que continuar a tomar todos os cuidados para proteger a nós e a quem amamos



Arte: Luis Tucci

Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Trico

Julho de 2022

Nº 601

ÚLTIMO TREM

ANIVERSARIANTES DO MÊS

AGOSTO DE 2022

Dia 01 Átyla Canela Bueno Selma Rodrigues Coelho Anderson Labegalini, Rodrigo Comune Faria	Nilza Labegalini Ferreira, Maringá/PR Cláudia Faraco Faria Marlene Simões Comune
Dia 02 Fernando da Costa Aparecida Eliza A Faria Bruno Forte Gottardello Manoel Cordeiro da Costa	Dia 21 Matheus Augusto C. de Souza Josefina de Souza Dia 22 Vera Lúcia de Castro Zucato
Dia 03 Nemésio Lúcio Fávero Adriana A. Lopes Mussi Isabel Bernardi Guarini	Noêmia Comune Tatiana Caetano Monteiro Vilma Gomes da Silva Eder Faustino Bueno Lucas de Souza Moraes
Dia 04 Érica Aparecida Moraes	Dia 23 Luiz Righete Marcele de Mello Figueiredo, BH/MG Cibeli Labegalini, Guarulho/SP Adriano Brandão Gustavo Humberto Monteiro
Dia 05 Renato Jacomassi, Rio de Janeiro/RJ	Regina Esterlina Benatti Leandro Ap. da Costa Dia 24 Eliezer Labegalini Carlos Roberto Guarini Ana Paula Corsi Maria Lucila de Carvalho, Valinhos/SP Helena Maria Vilela Faria Luiz Marcelo Bassi Maria Madalena C. Souza
Dia 06 Carmelina Brischiliari Labegalini, Marumbi/PR Elaine Cristina M. da Costa	Dia 25 Juliano Righete André de Paula Martins Gema Aparecida Grossi Dia 26 Kárin Tavares Odinino Dia 27 Josiane de Freitas Débora Odínino Camila B. Castro Bueno Mário Francisco Renção Ruth Comune Bernardi Rafael Guarini, Curitiba/PR Flávio Evangelista Toledo Dia 28 Túlio Luiz Couto Odínino Iramaia Camargo Labegalini, Maringá/PR Benedita Sônia Zucato Cétolo José Carlos P. de Lima Dorvalina Labegalini Cétolo Dia 29 Ary S. A. Mota Heloísa Correa Genghini Adriano Canela Inês Pedrosa Ortoloni Dia 30 Mari Comparim Samuel Almeida Vieira Sabrina Tavares Silva Cristiano Comparim, Sto. André/SP Maria Helena Vieira Maria do Carmo Andreta, Dia 31 Alini Caixeta Vieira Ribeiro, Machado/MG Isabelli Bueno Pennacchi
Dia 07 Diély Fernandes Veridiano, Dia 08 Avelino Borges de Queiróz Filho Fabrício Labegalini Alessandra Pedroso	Dia 10 Irancieli Souza Ribeiro Marco Antonio de Souza Nelson Alves de Souza
Dia 09 Maria Elenice Zucato Dia 11 Glória Nilza Cyrne Beltrame Edmilson Comune Virgílio Cláudia A. Almeida Benatti, Dia 12 Alice Pereira Alves	Dia 13 Valtair Augusto (Godinho) Mariane Aparecida Cezar Dia 14 Amilton de Godoi Bueno Felipe C. Pereira Grossi Caroline L. Gottardello Maurício Zucato Júnior Dia 15 Laila Zancheta Comune Dia 16 Nicole Andressa Canibal Jorge Luiz de Castro Ribeiro Dia 17 Evilyn Danieli Lino Mara Cristina Dias Almeida Gabriel Delgado G. Pepe Benedita Aurora Labegalini Maria Adriana de Moraes, Aguai/SP Rita Nancy Bernardi, Valinhos/SP Terezinha Comuni Guireli, Valinhos/SP Dia 18 Marilda A.S. D. Fernandes Maria Donizete de Moraes Dia 19 Danilo Odínino Luciene Lino dos Santos Carolina Bernardi Andrade, Valinhos/SP Dia 20

A todos, as felicitações da Redação!

MARIA CLARA SILVA – TETRACAM-PEÃ MINEIRA DE KARATÊ

Maria Clara, que no mês passado conquistou o quarto título estadual de Karatê, aluna da academia Dojo Kai de Monte Sião, ganhou no dia 17 de julho, a seletiva nacional para a Seleção Brasileira de Karatê 2022, que aconteceu em Uberlândia. Agora, como integrante da Seleção Brasileira, vai disputar o Campeonato Panamericano de Karatê na Cidade do México, entre os dias 22 e 28 de agosto! Parabéns Maria Clara!

VALDO RESENDE, ARTICULISTA DO MONTE SIÃO CONVIDADO PARA A 26ª BIENAL DO LIVRO

Dias 08, 09 e 10 de julho de 2022, VALDO RESENDE, articulista do MONTE SIÃO, esteve apresentando seu trabalho literário na 26ª Bienal do Livro em São Paulo, a convite da Competency Editora. Parabéns Valdo, que com seus textos bem humorados documenta o cotidiano e nos permite momentos impagáveis de leitura culta e suave. Deus o abençoe!

RECORDANDO MILLÔR FERNANDES III

Continuamos repercutindo algumas máximas de Millôr Fernandes (Rio de Janeiro, 16/08/1923 a 27/03/2012), nome artístico de Milton Viola Fernandes. “O dinheiro não só fala como faz muita gente calar a boca”. “Se é gostoso, faz logo, amanhã pode

ser ilegal”. “Os nossos amigos podem não saber muitas coisas, mas sabem sempre o que fariam em nosso lugar”.

ESTÃO FAZENDO FALTA

Dois articulistas nossos companheiros que nos presenteavam com seus textos agradáveis reportando o cotidiano de nossa comunidade têm estado ausentes: Aonde estão os textos de Romildo Labigalini e do Raimundinho da ACAR? Apareçam!

MARZIO LABIGALINI – UM POETA, COMPOSITOR, VIOLEIRO, FOLGAZÃO E PROSEADOR

Acaba de sair a edição de “PRA POU-COS OLHOS...” de Marzio Labigalini. Um delicioso livro de poesias, algumas autobiográficas, outras contextualizadas nas ambientações do autor e algumas de forte apelo espiritualista. Li-as em um fôlego só e ao terminar me sentia uma pessoa melhor. Recomendando! (e-mail: labigalinim@gmail.com; facebook: Marsio Labigalini ou Marzio Labigalini; you tube: Marzio Labigalini, site: www.marzio.com.br. Garanto que quem o procurar será muito bem atendido e adquirirá gotas do elixir da felicidade em forma de poesias!

TÁ BOMBANDO

A programação de inverno em Monte Sião está “bombando”! Shows, muito comércio, evento gastronômico, rodeio e as adoráveis estadias nas pousadas! Comparado com o tempo de nossa

infância, quando uma vez por ano apreciava um cirquinho meio quebrado ou um parquinho de diversões enferrujado, atualmente Monte Sião é uma Disneylândia! Que bão!

VIOLEIRADA

A programação de Shows no espaço de eventos na praça prefeito Mário Zucato tem revelado artistas locais e dado espaço a grupos como os Violeiros de Sion. É nois!

O ÚLTIMO TREM CONTINUA...

Mande notícias para lagenghini@hotmail.com ou wzap 11 9.9902-8784.

ATENÇÃO COLABORADORES DO MONTE SIÃO

Mesmo com frio e meio encarangados enviem seus textos até o dia 10 de cada mês. Os editores e revisores agradecem!

Fragmentos - 13

ARIOVALDO GUIRELI

1 - 1- A fala é um ato tão espontâneo (para a maioria dos seres humanos) e natural que nunca paramos para pensar na origem das palavras e expressões que habitualmente utilizamos. Acontece que as palavras, assim como as pessoas, nascem, crescem, desenvolvem-se até um determinado ponto depois morrem – caindo em desuso ou simplesmente desaparecendo. O fenômeno é tão implacável que, por vezes, atinge idiomas inteiros. Assim como o ser humano uma língua não nasce do nada. Na maioria das vezes, surge a partir de outra já existente e leva séculos para ganhar forma e feição próprias. Do berço (latim vulgar) surge o francês, espanhol, italiano, sardo, provençal (português), romeno ... Buscar a origem de uma palavra é quase um exercício de arqueologia e constitui-se em uma tarefa para a qual existe inclusive uma disciplina especializada: Etimologia. O léxico (conjunto de palavras pertencentes a uma determinada língua. O léxico da língua portuguesa é formado pelo conjunto de todas as palavras pertencentes ao nosso idioma) de uma língua de civilização é um organismo vivo cuja composição é resultado de um elaborado sistema de seleção e ordenação. Para Bakhtin (filósofo e pensador russo foi um dos maiores pesquisadores da linguagem humana) o falante de uma língua pode não conhecer da materialidade do sistema, mas apropria-se da mesma. E dela faz seu “reino”. Mário Perini (formado em Letras pela Universidade do Texas atualmente professor pela UFMG) nos informa assim: “ as

estruturas gramaticais são um conjunto de instruções que o falante da língua domina implicitamente” e completamos: para colocá-las em ação quando julgar necessário. Trata-se de um mecanismo que é acionado quase que automaticamente. Talvez essa seja a razão pela qual nunca paramos para pensar sobre o percurso feito pelas palavras para que cheguem até nós. Interessante: - As palavras não têm apenas significados. Assim como as pessoas elas também têm uma história que caminha a par e passo com a história da humanidade.

2 - Nós vos pedimos com insistência. Não digam nunca: Isso é natural! Diante dos acontecimentos de cada dia numa época em que reina a confusão, em que corre o sangue, em que o arbitrário tem força de Lei, em que a humanidade se desumaniza. Não digam nunca: Isso é natural! Para que nada possa ser imutável. (B.Brecht).

3 - Frente à pergunta do inventor romano na palestina do século I, O Nazareno optou pelo silêncio, coerente com um dos seus conselhos: “ Não atirem pérolas aos porcos”. E a pergunta? “ O que é a verdade?”, porém a resposta foi dada por Santo Tomás no século XIII “A verdade é a adequação da inteligência ao real”.

4 - Precisamos do ambiente inteiro e não apenas de “meio” ambiente, por isto não é suficiente cuidar da natureza, a necessidade principal é cuidar também do ser hu-

mano. A irresponsabilidade do homem, perante a natureza, produz, num dia comum: o desaparecimento definitivo de dez espécies de seres vivos. Ética –só existe na individualidade – no singular, portanto. Uma pessoa que não possui ética é a que não possui princípios e age oportunisticamente. Um jornalista trai seus princípios por absoluta falta de ética.

5 - Tinha debruçado na janela para ouvir o vento. Cabelos esvoaçavam. Ouviu do lado lateral um uivo estridente de um cão desassossegado. Sabe o senhor que o cão uiva para lembrar o passado lobo do qual se transformou. Era assim que o Rivaldo Paes comentava seu saber. O senhor não escuta o vento? Não sente o querer da fala? Não é caduquice é oração. Que desperta e cala os infernos. Tal qual o som das árvores que mais parecem monstros brigando no mar revolto. Tem horas que cessam. Como agora! Não pode gritar. Nem tem ideias. Apenas entende o momento.

6 - Leia “Cajila” – Editora Caos & Letras. De Sérgio Fantini.

7 - Este fragmento foi orquestrado por Padé Faraco e Gustavo Monteiro.

8 - Beijos gerais.



CASA das MASSAS
de Lourdes Labegalini

**Pães e Massas Especiais
Panetones e Congelados**

Rua J.K. de Oliveira, 1.170
Fone 3465-1368
Monte Sião - MG

ACEITAMOS ENCOMENDAS



**A melhor internet do
Circuito das Águas Paulista**

Águas de Lindóia: (19) 3824-3671
Monte Sião: (35) 3465-4963
WhatsApp: (19) 99773-1001



Sebo do Ismael

Livros, revistas, LPs, CDs, DVDs, VHS, Fitas K7,
Aparelhos eletrônicos, Antiquário

Praça Cavalinho Branco – 410 – Águas de Lindóia – SP
Telefone: (19) 3824-1507 WhatsApp: (19) 99343-9180



ACM ADRIANO - CHARLES - MAURICE
CONTABILIDADE

(35) **3465-1635
3465-4404**

R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião |MG

PORCELANA MONTE SIÃO

BIBELÔS EM GERAL – CANECAS PARA CHOPP
VASOS – CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.

A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil
AGRADECEMOS SUA VISITA

Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

VISITE NOSSO MUSEU

Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise

Bioquímico: Ferdinando Righetto

- **Teste do Pezinho ampliado**
- **Credenciamento com os Laboratórios:**
GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)
HERMES PARDINI (Belo Horizonte)

Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

Nossos avós já compravam na

Loja do Plácido

A mais antiga da cidade - Desde 1922

TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO

Rua Presidente Tancredo Neves, 194
Fone: 3465-1144



ELETRÔNICA MONTE SIÃO
Everson Labegalini

Peças e Acessórios para
Áudio e Vídeo

Rua: Carlos Pennacchi nº 60 - Loja 5 - Centro - Monte Sião / MG
Cel.: (035) 8404-5136